

REVISTA DA SEMANA

N. 1
5-1-1946
CR\$ 1,50





A INAUGURAÇÃO DA "PRINCIPAL"

Mais uma valiosa contribuição para
o comércio elegante da cidade

Dia a dia o comércio elegante do Rio de Janeiro ganha novas e esplêndidas realizações, acompanhando o empolgante ritmo de progresso da Cidade Maravilhosa. O espírito empreendedor dos nossos comerciantes varejistas vai, assim, dotando a Capital de estabelecimentos cujas instalações nada ficam a dever aos melhores das grandes metrópoles. Muitos logradouros públicos, que conservam a fisionomia tradicional de anos atrás, são por essa forma beneficiados constituindo tais empreendimentos o ponto de partida para radicais transformações. E' o que acaba de acontecer à praça Tiradentes, com a festiva inauguração da modelar e luxuosa casa de calçados PRINCIPAL instalada à esquina daquela praça com a rua Sete de Setembro. Tudo ali foi previsto com abundância de detalhes e minúcias de bom gosto, oferecendo ao público consumidor, a par de um finíssimo sortimento, raro conforto e um ambiente de distinção apropriado a quem se dispõe à escolha de um bom artigo. Os sócios da firma proprietária da PRINCIPAL, que já possuem outras lojas congêneres na cidade como DUAS CASAS, CASA SOBRAL e SOBRAL-COPACABANA, cumularam de gentilezas os convidados à solenidade inaugural realizada no dia 15 de dezembro, acontecimento social de grande brilho. Destacados elementos da nossa sociedade do comércio e da indústria de calçados estiveram presentes à linda festa, oferecendo uma nota de destaque o elemento feminino que compareceu em grande número. Aos convidados foi servido "champagne" e fina mesa de doces, tendo falado monsenhor Achilles Mello, que procedeu à bênção do estabelecimento, pronunciando a oração congratulatória.

Nesta página damos alguns aspectos da PRINCIPAL e da sua inauguração, vendo-se, em cima, o momento em que falava aquele sacerdote; ao centro, um belo ângulo da escada que conduz ao andar superior, e, em baixo, um aspecto do mesmo, cheio de convidados, vendo-se as suas bonitas instalações.

O DRAMA DO QUASE-VIAJANTE

O homem resolveu a viagem à América e começou a trabalhar por conta desde esse instante. Por conta da viagem, que só devia realizar-se quatro meses depois. Foi saber o preço das passagens, o preço dos hotéis, o preço das refeições (porque os hotéis não dão comida), o preço de mil pequenas coisas que até então jamais lhe haviam interessado. E começou a sofrer do coração, porque não existiam apenas as complicações dos preços, mas muitas, muitas outras.

★

— Embarcar para o estrangeiro? O senhor está em dia com o imposto de renda?

— De que?

— De renda, sim senhor.

— Mas eu não tenho renda...

Assim mesmo pagou. Os atrasados, acumulados de multas e mais multas. Pagou e não bufou.

★

— Pronto, aqui está o certificado do imposto de renda.

— Muito bem. Quanto dinheiro o senhor vai levar?

— Mas eu não tenho dinheiro...

— Sua conta no banco? Qual dêles? Quantos mil cruzeiros?

— Mas acontece que...

E foi preciso explicar. Explicar e arranjar dinheiro, mais dinheiro. Muito dinheiro.

★

— Ah, você vai mesmo aos Estados Unidos? Ótimo! Formidável!

— Formidável por que?

— Porque eu preciso que você me traga uma coisa que há muito tempo estou procurando e só existe lá. Você compra para este seu amigo, traz, e depois me diz quanto gastou. Combinado?

— Pois não, às suas ordens!

★

— Que é que o senhor vai fazer lá fora?

— Trabalhar.

— Quando estará de volta?

— Em tal data.

— Não há nenhuma outra intenção velada na sua viagem?

— Que eu saiba, não.

— Muito bem. Traga dois certificados de boa conduta e o nome de quem se responsabilizará pelo senhor.

— Mas eu sou maior, vacinado...

— Assim mesmo. Traga isso tudo.

★

— Olhe, quero que você compre para o seu amigo um automóvel, uma geladeira, uma vitrola e uma enceradeira elétrica do último tipo.

— Mas no avião não pode vir...

— Você despacha direitinho. Olhe, pode usar o automóvel enquanto estiver por lá. Eu deixo.

— Mas eu não sei dirigir...

— Aprende, não é? Eu deixo você guiar o meu carro.

★

— Ah, que gracinha! Você vai a Hollywood, não vai?

— Parece.

— Vou lhe dar o meu livrinho de autógrafos. Mas olhe lá, não quero assinatura de artista bôbo! Só dos bambas. Não esqueça o Clark Gable, o Cornel Wilde, o Gary Cooper... Ah, é mesmo! Faça questão da assinatura do quinto marido de Mary Astor.

— Sim, senhorita. Vou tratar disso. Mais alguma coisa?

— Por agora não. Mas eu vou pensar.

★

— O senhor tem sobretudo, bem pesado?

— Está brincando? Com este calor!

— E' para viajar. Para onde ou vou agora é inverno.

— Oh, perdão, perdão! Isso é outra coisa. Aqui está este, do melhor. Que tal? Com este o senhor resistirá a toda a umidade de Nova York. Boa bola!

— E o preço?

— Bem, por ser para o amigo que é do peito... Três mil cruzeiros.

Hein? Pechincha!

— Mas três mil...!

— Que tem isso? Uma bagatela. Cento e cinquenta dólares. O que são cento e cinquenta dólares para quem pode ir à América no inverno?

★

E o quase-viajante continua a emagrecer. A sofrer do coração. A receber encomendas dos amigos. A comprar coisas por preços de pechincha.

★

Moralidade do drama: Não penses em viajar, amigo. Ou se o fizeres esconde a notícia. E foge do vendedor de sobretudos.

C E L E S T I N O S I L V E I R A

NESTE NUMERO

ANO XLVII - N.º 1

5 - 1 - 1946

REPORTAGENS

A morte de Patton	4/5
Falam os laureados	8/13
Figuras e Fatos	15
No Brasil a Copa Roca	28/29

LITERATURA

O Drama do Quase-Viajante (Celestino Silveira)	3
O Bilhete (Israel P. Rebouças) ..	18/19
O Homem da Cabana (Edgar Wallace)	23
Irene (André Maurois)	30
Livros Novos (J. L.)	32/33
Alberto Rangel (Escragnolle Doria)	41

CURIOSIDADES

Sempre existiu a "folk-dance" brasileira	16/17
Nossos amigos os cavalos	20/22

FEMININAS

Penteados	24
Nos Bastidores Femininos	25
Pijama Girl	26/27
Uma receita de beleza	38/39
Modas	48/49
Modelitos	50

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Concursos	7
Música e Cinema	31
A REVISTA em Hollywood	34/35
Artes Plásticas	37

HUMORISMO

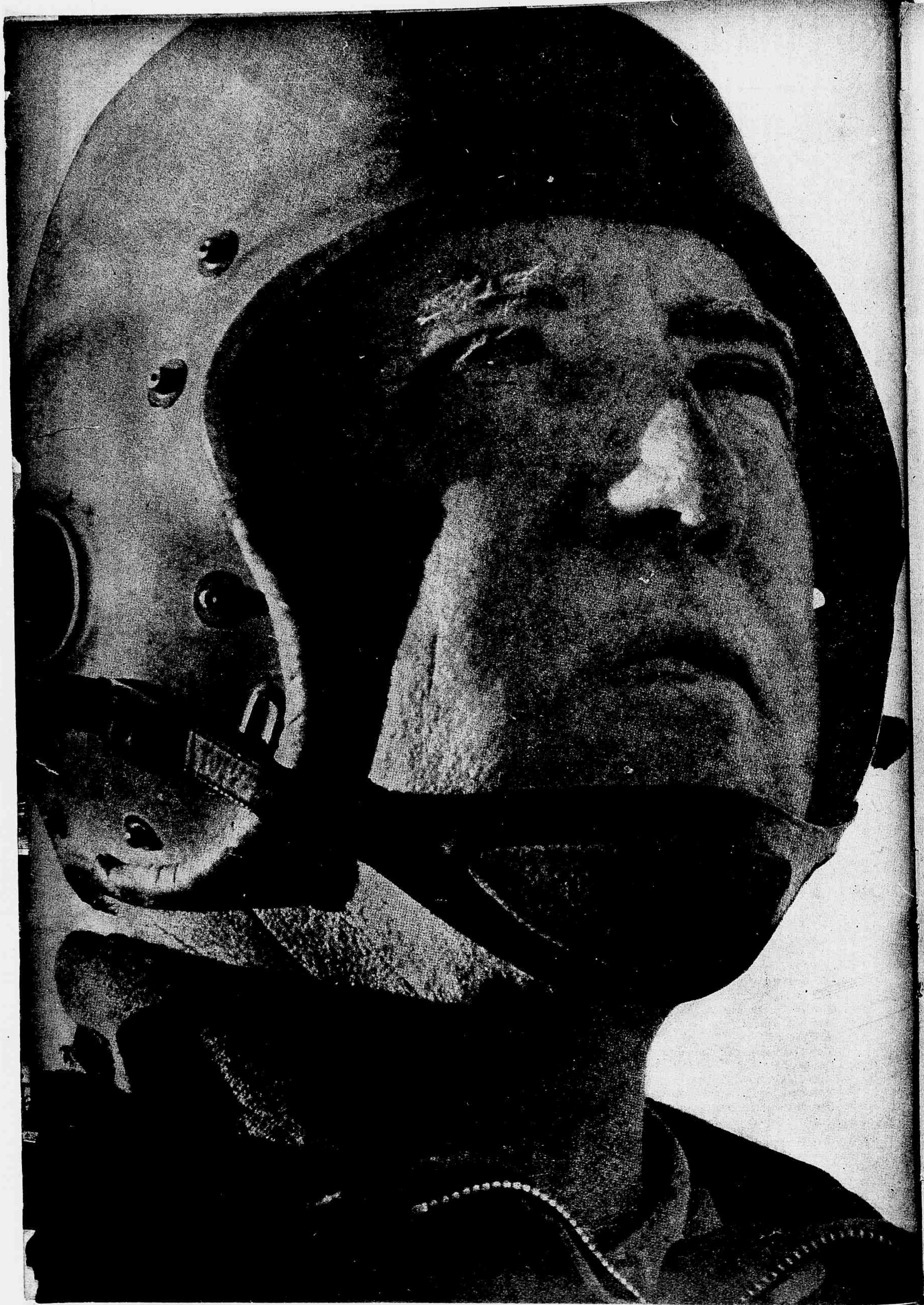
De Bom Humor	14
"Charge" de Raul	42

NA CAPA

★

Shirley Temple, a novíssima Shirley que se vem agora revelando uma artista juvenil de real personalidade. Certamente suas melhores oportunidades serão dadas no ano entrante. Esperemos, portanto... (Da Columbia).







A VIÚVA GEORGE PATTON — Tão depressa tomou conhecimento do acidente de automóvel, a sra. Patton embarcou, de avião, dos Estados Unidos para a Europa, ficando à cabeceira do ilustre enfermo até o desenlace. Aqui a vemos, em plena guerra, estudando um mapa das operações. Ela se interessava bastante pelas atividades do esposo. Agora regressou a Nova York.

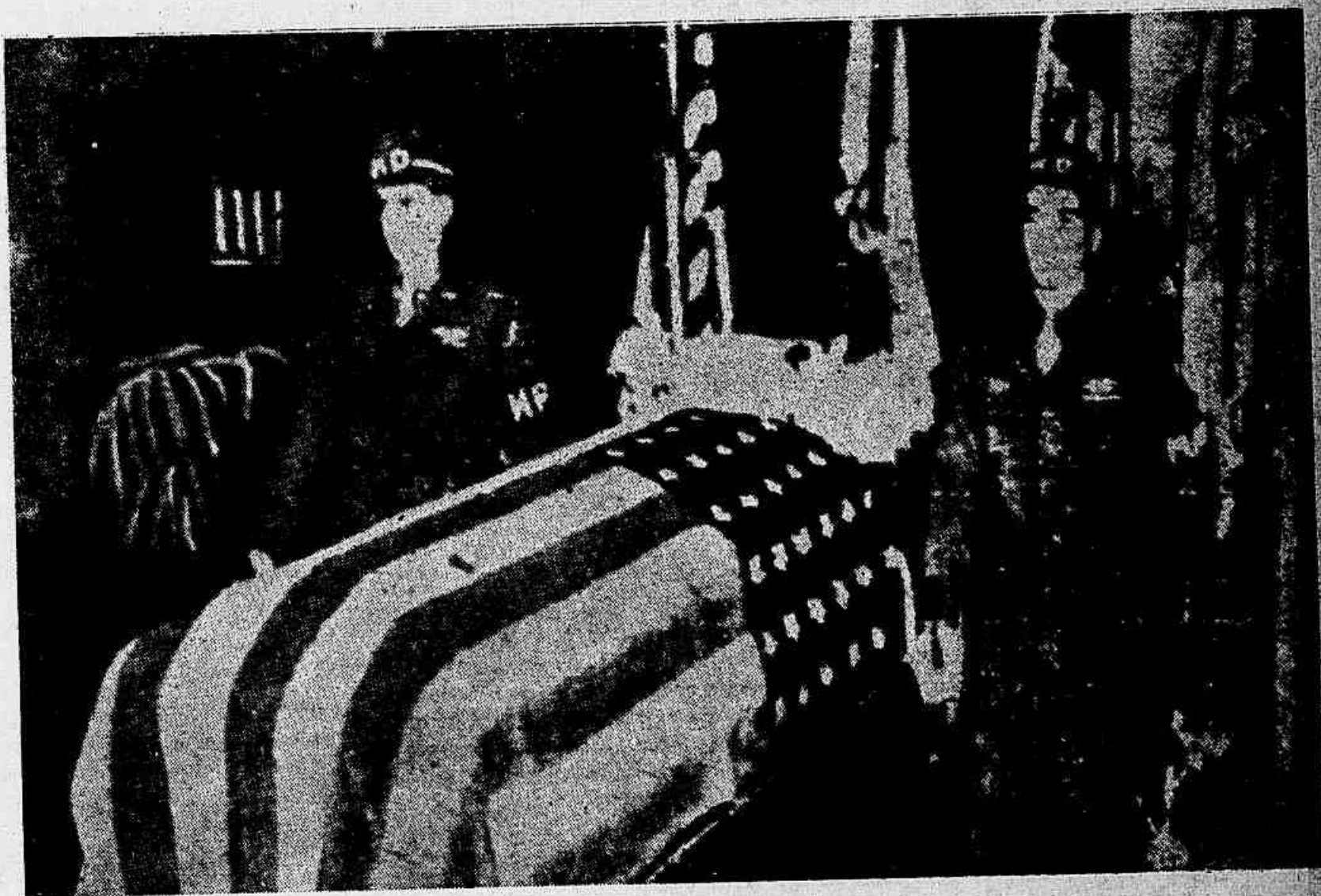


UM HOMEM DE PERSONALIDADE — Embora muitos divergissem de alguns atos de Patton, ele teve inegavelmente personalidade e muito concorreu para a vitória das Nações Unidas. Fez brilhantes campanhas na África, na Sicília, na Alemanha, na Áustria e na Tchecoslováquia, em arrancadas que surpreenderam, pela sua rapidez, os alemães. Certo, não será esquecido.

Quando já se admitia o salvamento da vida do general George Smith Patton, surgiu, de imprevisito, em vésperas do Natal, a informação da sua morte. Depois do acidente de automóvel de que fôra vítima em Heidelberg, vinha em franco restabelecimento, mas subitamente complicações pulmonares lhe causaram o desenlace. O coração do general havia enfraquecido em consequência daquelas complicações, vindo atrapalhar o seu aparente restabelecimento da paralisia parcial do pescoço.

A senhora Patton, que se havia deslocado rapidamente dos Estados Unidos para a Alemanha, assistiu-lhe os últimos instantes, e o presidente Truman, membros do Congresso e outras conhecidas figuras expressaram seu pesar pelo falecimento do grande herói do Terceiro Exército.

"A morte do general Patton será sentida profundamente por todos os membros do Exército e por milhares de norte-americanos, que tanto admiravam a sua magnífica direção e as suas brilhantes façanhas durante a "guerra" — escreveu o Secretario da Guerra. Continuando: "Seu desaparecimento constitui uma grande perda para todos nós."



EM EXPOSIÇÃO O CORPO DO HERÓI — Aqui está exposto aos soldados de Heidelberg o corpo do general George Smith Patton Junior, que comandou o vitorioso Terceiro Exército Americano das praias da Normandia à Tchecoslováquia e falecido a 21 de dezembro às 17.30 horas, depois de haver quebrado o pescoço em um deplorável acidente de trânsito.

A MORTE DE PATTON

O sepultamento de Patton fez-se lá mesmo, em território alemão, no cemitério do Exército Norte-Americano, ao lado de outros bravos soldados "yankees" cuja dedicação pela causa da Humanidade lhes custou a vida. Era ele o quinto alto chefe militar norte-americano falecido desde que terminou a luta. Contava 60 anos de idade, completados a 11 de novembro, e dêle se poderiam esperar muitos mais valiosos serviços quando, agora, o Exército de Tio Sam se vê, inopinadamente, privado da sua colaboração.

"A nação inteira sofreu uma grande perda" — disse também, na sua mensagem de condolências à viúva, o presidente Truman. De fato, George Patton marcou, com a sua personalidade inconfundível, um lugar decisivo na tropa. Ele foi o herói de inúmeros atos, muitos dos quais não chegaram a cair em domínio público enquanto viveu. Seu "jeep", durante as batalhas, era conhecidíssimo, e não raro os comandados o viam cruzar, ao lado dos "tanks", numa furiosa investida contra o inimigo, de metralhadora à frente, pipocando e afugentando o adversário.

PATTON QUANDO EM AÇÃO — Patton completara aniversário no dia 11 de novembro e comandava agora o 15.º Exército Americano, tendo servido por algum tempo como comandante interino de todas as forças americanas no teatro europeu, alguns dias antes de que o seu automóvel colidisse com um caminhão do exército, perto de Mannheim, no dia 9 de dezembro.



A SEMANA EM REVISTA

O SOL ROMPE A NEBLINA



Sim, ainda existem...

Eles andam por aí, mascarados, cheios de simulações e de cuidados, mas aparecem sempre numa palavra mal pensada ou num ato espontâneo. A respeito da bomba atômica, por exemplo, revelaram-se todos. Os boatos eram lançados em todas as esquinas, trocavam-se palavras alarmantes nos cafés. Segundo a teoria deles, a Rússia, Inglaterra e os Estados Unidos estavam prestes a se pegarem numa guerra cruel, pelo domínio da energia atômica.

Quando se reunia a conferência de Moscou, eles não se deram por vencidos. Aquilo era fogo de palha, a conferência fracassaria fatalmente, a guerra estava iminente. Era tudo questão de dias. A bomba atômica

era uma garantia da superioridade bélica dos Estados Unidos, e a nação americana não abriria mão desse privilégio.

Assim tentavam os nazistas de todos os matizes impedir, pela força dos boatos alarmantes, o bom curso da nossa marcha para o mundo melhor. Mas os seus

intentos fracassaram. A conferência de Moscou terminou, e dela nasceu a luz que há de guiar a humanidade daqui por diante. A energia atômica, saída da fórmula de Einstein, será o novo sol que rasgará as neblinas das incompreensões e das mentiras. De agora por diante, nunca mais uma Hiroshima será destruída pela explosão de uma bomba atômica. Daqui para o futuro, não teremos mais um laboratório eletrônico funcionando a serviço da guerra. O nazismo está morto e os seus remanescentes são fantasmas inofensivos. Os seus boatos continuarão ainda a alarmar a humanidade crédula. Mas os homens a quem entregamos agora os nossos destinos não se deixarão mais iludir pelo canto de sereia dos porta-vozes da inquisição fascista. A energia atômica é agora propriedade da humanidade toda e só poderá ser empregada em seu próprio benefício. O urânio só deixará de dormir no seio da natureza-mãe para servir aos homens como agente terapêutico ou força propulsora dos veículos atômicos. A aviação movimentada pela força dos neutrons libertos será uma realidade dentro de poucos anos. E as viagens interplanetárias rasgarão aos nossos olhos horizontes mais amplos e dias mais felizes. Que falem pois os derrotistas e os sabotadores da vitória. As Nações Unidas continuam mais unidas do que nunca, ligadas todas entre si pela cadeia poderosa dos neutrons libertados dos núcleos atômicos...

POR CAUSA DO CAFEZINHO



Sentou-se um homem num dos mais antigos e tradicionais cafés da avenida Rio Branco. Sentou-se e pediu uma xícara da famosa rubiácea. Oh! Céus! Tabu! Sacrilégio! Então aquele cavalheiro não sabia que era crime pedir café pequeno nos cafés da Cidade? Oh! Ignorância, a quanto levas as tuas vítimas!

Continuemos, porém: o homem pediu um cafezinho. Foi o suficiente para que o garçon, num sotaque delicadíssimo de "Jardim da Europa", o descompusesse à vista de todos. E, não contente com isto, o delicado e serviçal moço atirou longe a pasta do velhinho (pois o homem já era bastante avançado em anos) e gritou-lhe escarnejadoramente:

— Queire café, é? Bai tumare em pé, se quiser!

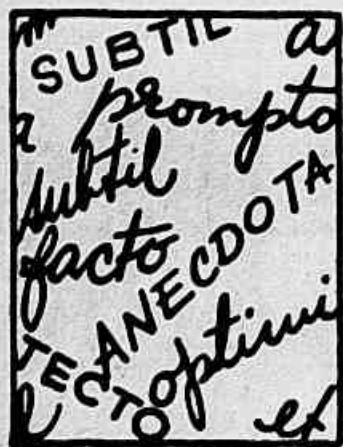
Então o homenzinho virou bicho. Ficou por conta dentro da roupa, que por sinal era um terno amarrado de caroá. Talvez tenha sido mesmo por isto que o garçon o tratou tão brutalmente. Como fomos dizendo, levantou-se o homem e revidou todos os insultos do garçon, declarando ainda que estava no Brasil e que queria portanto tomar o seu cafezinho sentado. Então interveio o homem da caixa,

com um sotaque não menos carregado e disse mais meia dúzia de desaforos para o bom velhinho. Este já havia no momento cativado todas as simpatias dos populares que iam se aglomerando no local. Em dado momento, não resistindo mais a tantos insultos, o freqüente ergueu-se e deu voz de prisão ao garçon, ao homem da caixa e mais a um outro que havia entrado na questão. Exibiu sua identidade de promotor e "encanou" a turma. O homem da caixa tomou a atitude característica dos homens da caixa em situações como esta: baixou o topete e fechou o bico. E quando a turma saía escoltada por um policial e acompanhada pelo promotor de caroá, a multidão prorrompeu numa vaia tremenda contra o pessoal do café. Era a "revanche" dos que se viam impossibilitados de tomar café sentado. Era a revolta do café pequeno contra o chá. Neste momento apareceu o último personagem da história, inevitável em todas as histórias desse tipo: o chaleira. Virou-se para o homem e disse: "Foi muito feio o ato do garçon. Principalmente por ser o senhor autoridade".

O velhinho não gostou daquilo e retorquiu: "Autoridade aqui não faz conta. Todos nós temos direito ao café sentado". E foi-se embora danado da vida. Foi assim que aquele café perdeu as simpatias populares.

Moral: nunca maltrate os velhinhos de caroá.

A ARMONIA DOS CARACTERES GRAPHICOS



"Antigamente a escola era risonha e franca..."

O aluno se assentava nas bancas largas e ia seguindo o choro da classe que cantava a taboada e o "B.A.B.A.". Depois começou-se a pensar que era melhor simplificar tudo. Veiu a escola ativa, mais racional e mais científica, onde o aluno deveria encontrar um prolongamento de seu próprio lar. Substituiu-se a palmatória pela psicanálise e o baço de milho pelos "testes" mentais. Tudo corria bem. Mas os homens das academias de letras resolveram um dia reduzir o alfabeto. Inventaram leis e elaboraram dogmas, de maneira que o fósforo ficasse sendo fósforo em vez de phosphoro. Muito inteligente esta idéia, se não abrangesse as palavras mais simples da língua, tornando-as mais complicadas. E foi isto o que aconteceu. À falta de outra coisa para fazer, os donos da língua meteram a língua na língua, dizendo que tudo ia mal e que era preciso remendar tudo; do contrário a Nação estaria perdida. Assim passou-se a escrever "mês" em vez de "mez" e continuou-se a escrever "vez" como na antiga. As

"seções" foram divididas em diversas categorias, de acordo com o tamanho de cada uma e o local em que eram realizadas. "Sessão" de cinema. "Secção" de repartição pública. E cada palavra da língua ganhou um acento novo, ou pelo menos um cedilha.

Não contentes com o estado em que haviam deixado o nosso idioma, os homens de letras reuniram-se agora em Lisboa. A corte portuguesa determinou então que se reformasse o modo de escrever tanto na metrópole como nas colônias. E parece que o Brasil está incluído no rol dos territórios coloniais lusitanos. Pelo menos no que diz respeito às letras. O que é certo é que do acordo ortográfico resultou uma serena harmonia para todos os povos de língua portuguesa. Agora teremos novamente as palavras "lecto", "projecto", "optimo", etc.

E quando os senhores letrados se recolherem, nos vagares do ócio, às suas poltronas estofadas, com os acentos bem colocados nos lugares exatos, nós estaremos quebrando a cabeça para colocar um "c" antes do "t". E os pobres garotos das escolas voltarão às velhas normas da gramática encanecida. Só falta que volte a palmatória. E para que os meninos aprendam agora esta língua importada, só mesmo os bons métodos pedagógicos dos bolos e das varadas.

AI VEM ELE



Quem o vê assim, redondo e gordo, plácido e sereno como um negociante em férias, não pode supor o leão que ele é. A sua figura pesada de burguês comodista não pode fazer lembrar um político vibrante e um orador violento. Fiorelo La Guardia é no entanto o mais vibrante dos tribunos de praça pública que já têm falado às multidões nas ruas das grandes metrópoles "yankees". Foi ele o primeiro homem público americano que teve a coragem de atacar Mussolini, quando ainda rugiam ferozes os canhões italianos nas trincheiras da Abissínia. Depois transformou-se, por força das circunstâncias, no paladino das liberdades democráticas, levantando-se, com todo o poder de sua dialética impetuosa, contra os tiranos europeus, que

cada dia ameaçavam de mais perto as conquistas do mundo civilizado. La Guardia falava, onde quer que se encontrasse, contra todas as injustiças e todas as tiranias. O Presidente Roosevelt o animava em sua heróica campanha contra as forças dos déspotas. Foi ao clamor de sua voz que a América despertou e partiu de armas na mão para o outro lado do oceano, afim de derrubar as novas Bastilhas erguidas na Europa.

Hoje o mundo sai do longo pesadelo da dominação nazista, mais forte e mais unido. E a figura de La Guardia ergue-se, gigantesca e simbólica, como uma bandeira de luta, como um braço de glória. A ele devem caber os melhores louros, pois foi ele o pioneiro da causa das democracias, o primeiro homem que revelou não ter medo de fantasmas, o único político de seu tempo que teve coragem de se levantar contra a prepotência dos governos totalitários.

Agora, quando o Brasil, de volta à Democracia, espera a posse de seu Presidente, os jornais estampam uma notícia grata a todos nós: Fiorelo La Guardia será o representante do Presidente Truman na posse do general Eurico Gaspar Dutra. Assim, nos virá da América do Norte o grande amigo da América, para demonstrar como estão satisfeitos os americanos com a volta de nossa Pátria ao regime democrático. Nenhum gesto poderia melhor simbolizar a amizade brasileira-americana que a nomeação do ex-prefeito Fiorelo La Guardia para representante do Presidente dos Estados Unidos na posse do Presidente da República do Brasil.

Assim, junto conosco, no dia da grande solenidade, estará também a alma de todo o povo americano, simbolizada por um dos seus mais valiosos e mais dignos representantes: Fiorelo La Guardia, o inimigo número um de Mussolini.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 223. Tel. 4-7886

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 52 páginas

O Corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

Como divulgámos amplamente, terminou no dia 31 de dezembro último o prazo para a entrega de originais destinados tanto ao nosso concurso de peças teatrais como ao de romances.

Até aquela data chegaram-nos às mãos muitas dezenas de trabalhos originários dos mais longínquos pontos do País, o que dá uma idéia precisa da grande repercussão que obteve o grande certame literário.

Destinado a incrementar o gosto pela literatura teatral entre os jovens brasileiros, o nosso concurso de peças teatrais movimentou todos aqueles que se interessam por este difícil ramo da arte de escrever, fazendo com que quase uma centena de neófitos se inscrevessem na competição, enviando-nos originais destinados a concorrer ao prêmio de Cr\$ 10.000,00, oferecido ao vencedor pelo Clube Ginástico Português. No entanto, participam ainda do concurso autores já editados e representados, entre os quais podemos citar o sr. Miroel Silveira, que concorre com vários trabalhos.

Também o concurso de romance obteve pleno êxito, tendo nos sido enviados trabalhos de vários autores nacionais destinados a este certame.

COMO SERÃO JULGADAS AS PEÇAS TEATRAIS

Como já era do conhecimento do público, a comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais, que decidirá a quem deve caber o prêmio "Apolônia Pinto", será constituída de um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Casa dos Artistas, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. As peças passarão sucessivamente por todos estes membros do júri, que irão selecionando os trabalhos de maior valor, até que se torne possível a escolha da peça de maior merecimento.

Em virtude de se ausentar do País no dia 15 do corrente, o nosso redator-secretário Celestino Silveira deixou de fazer parte da comissão julgadora. Representará pois a REVISTA DA SEMANA no júri o nosso companheiro Roberto Lyra Filho, a quem já foram entregues os trabalhos destinados a este concurso.

Os outros membros da comissão julgadora são os seguintes: Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Bandeira Duarte, representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, representando a Casa dos Artistas.

Em virtude da grande quantidade de peças apresentadas, o julgamento deverá se prolongar até o fim de fevereiro, de modo que só poderemos fornecer ao público o resultado do mesmo no próximo mês de março.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

3.ª Fase

Encerrado o prazo para a entrega de originais destinados à segunda apuração do nosso concurso permanente de contos, entramos na terceira fase deste certame.

São as seguintes as condições para a participação no mesmo:

- 1) O prazo para o terceiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de março.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, **ênredo, estilo e unidade de ação** no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Roberto Lyra Filho, Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do terceiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1 de abril de 1946 será iniciado o 4.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convém limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrêtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

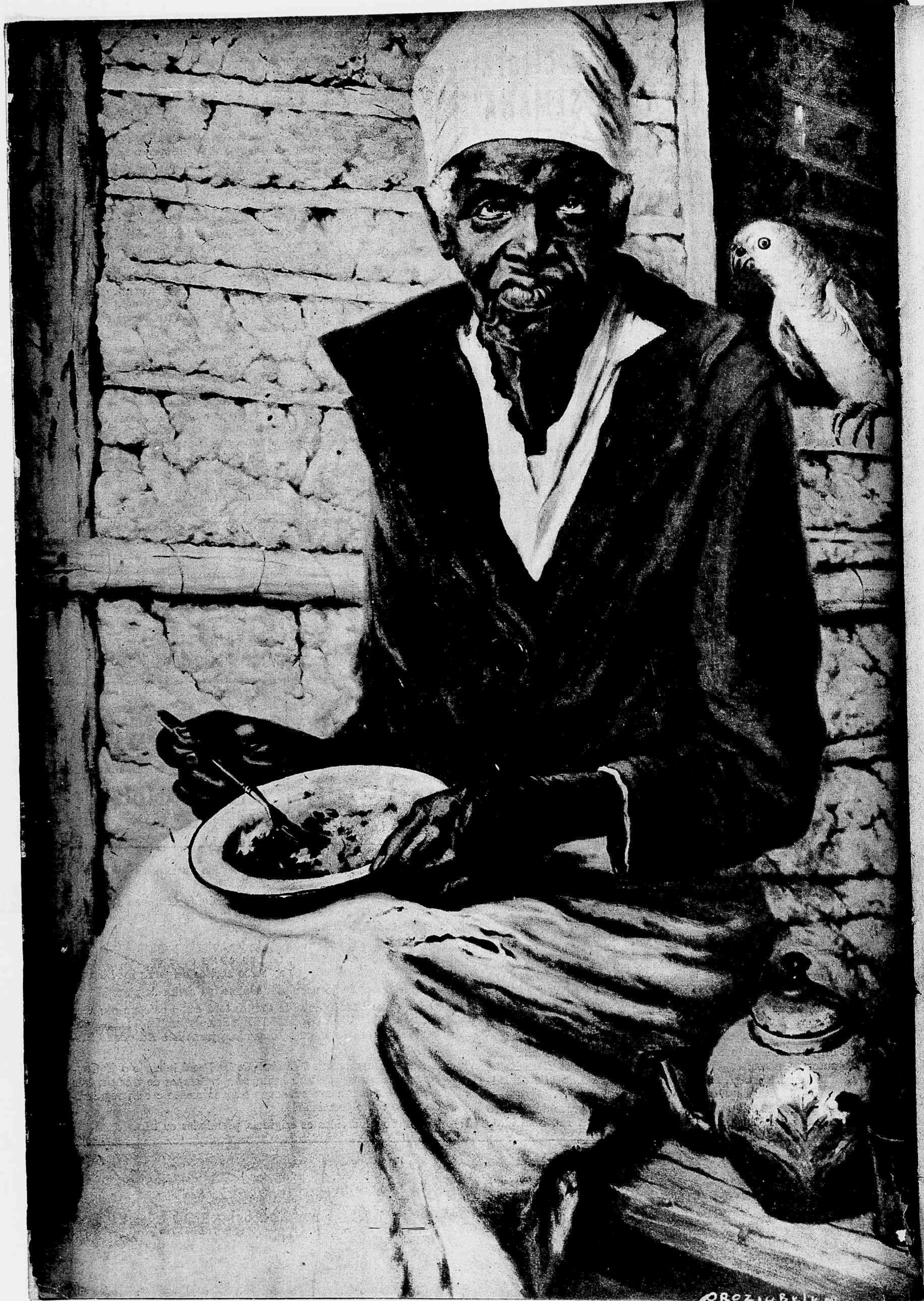
Ventre-Livre



Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO





Ao alto, o pintor Orosio Belem, em seu estúdio da rua Buarque de Macedo, dando colorido e forma a um nú. Em baixo, um "close-up" do artista, que foi o contemplado com o prêmio de viagem ao estrangeiro para a secção académica.

Falam os laureados

A ARTE ANTIGA E A ARTE MODERNA DIANTE DO JÚRI — JURANDYR PAIS LEME E OS MODERNOS — OROSIO BELEM TEM ÓDIO À CONTROVÉRSIA — A CASA MALUCA DE BURLE MARX E O VERANEIO DE ALFREDO CESCHIATI — ELUCIDADO O CASO OSWALDO TEIXEIRA

FALARAM todos a respeito do Salão de 1945. Falaram gregos e troianos, académicos e modernos, literatos e críticos. E' justo pois que falemos agora aqueles que foram contemplados pelo júri com os prêmios destinados aos melhores trabalhos apresentados na grande mostra coletiva, de acôrdo naturalmente com o senso de justiça dos componentes da comissão julgadora.

No sentido de apresentar aos leitores da

REVISTA DA SEMANA, sem qualquer partidatismo, a opinião dos premiados pelo júri, elaborámos a pequena "enquête" que aqui vai, colhendo material em palestra com quatro dos laureados, dois académicos e dois modernos, cujas palavras reproduziremos sem enfeites e sem retoques.

OROSIO BELEM E SEU ÓDIO A CONTROVÉRSIA

O primeiro a ser visitado pela nossa reportagem foi o pintor Orosio Belem, que fomos



← **PRÊMIO DE VIAGEM AO ESTRANGEIRO** — Este é o quadro "Mãe Maria", do pintor Orosio Belem, laureado com o prêmio de viagem ao estrangeiro, da secção geral.



Roberto Burle Marx fotografado junto a um de seus quadros mais arrojados, que representa dois anjos pretos abraçando-se. Ele é um dos mais avançados pintores contemporâneos, e em todos os seus quadros as cores e as formas surrealistas evidenciam uma tendência revolucionária que o separam, mais que todas as suas palavras, do academicismo e do classicismo.

encontrar em seu pequeno atelier da rua Buarque de Macedo ultimando um pequeno nú.

O artista recebeu-nos amavelmente, pedindo desculpas pela exiguidade de espaço de

seu estúdio e adiantando que aquele atelier ele o conserva apenas como um ponto de referência na cidade. Explica-nos que o seu atelier verdadeiro está instalado num belíssimo sítio que possui em Campo Grande, onde

o ar puro, a vastidão dos campos e a largura das janelas convidam o espírito à imaginação e o corpo ao trabalho. Ali ele trabalha com afinco, rodeado pelos seus velhos quadros e pelas paisagens sempre novas do aprazível arrabalde carioca.

Orosio Belem é um amante do belo na acepção mais clássica do termo. Eis aí uma prova disso:

— O senhor aproveitará o prêmio de viagem para ir aos Estados Unidos?

— Não. Sou artista. Não posso me interessar pela bomba atômica nem pela solução das greves. Irei ver a Europa, a velha Europa. Corrirei a Itália, a França, a Espanha. Ali farei os estudos que puder, pois penso que o prêmio é dado a um pintor tão somente para que ele tenha ensejo de aperfeiçoar a sua técnica através do estudo dos antigos mestres.

— Julga então que não seria justa a entrega de um prêmio aos modernistas?

— Acho que todos deveriam concorrer ao mesmo prêmio. O Salão deveria ser apenas um, sem divisões. Assim seria dado o prêmio a quem realmente o merecesse, moderno ou acadêmico.

— É qual a sua impressão a respeito da divisão moderna?

— Prefiro não falar a respeito. Ontem estive aqui um reporter de um vespertino, pôr sinal muito meu amigo. Conversou comigo e depois disse pelo seu jornal que eu declarara que Ceschiatti era o canto de cisne da arte moderna. Foi o que bastou para que os críticos modernos caíssem em cima de mim. Fui insultado, escreveram contra mim coisas terríveis. Um deles chegou a dizer, no auge da fúria, que preferia um Aleijadinho a cem Pedro Américos, Vitor Meireles e Bernadellis.

Aqui está Burle Marx em seu atelier, situado na rua Araujo Gondim, no casarão que foi outrora a "Fazenda do Leme". Ali ele se dedica ao cultivo das plantas exóticas que serão usadas mais tarde na ornamentação dos jardins que constrói. O artista aparece nesta foto quando estudava numa fotografia o efeito ornamental dos vegetais por ele reunidos num de seus jardins.



Sem pretender ser igual a qualquer destes mestres, continuo a preferi-los. De um modo geral, detesto o que eles chamam arte moderna. Mas prefiro não fazer referência à divisão moderna do Salão.

— Por que?

— Porque tenho ódio à controvérsia. Não gosto de ser insultado. Por isto prefiro calar. Estas palavras mesmo que tive há pouco, prefiro não vê-las publicadas. Elas podem ferir a susceptibilidade de alguém, e os modernos são terríveis quando se julgam ofendidos.

E assim nos despedimos de Orosio Belem, prometendo não publicar o que ele havia dito a respeito dos modernos. Aqui ficam entretanto as suas palavras, em caráter confidencial.

FALA JURANDYR PAIS LEME

Jurandyr Pais Leme não esconde ao repórter a sua origem pobre. Faz mesmo dela um motivo de orgulho. Agora, consagrado com o prêmio de viagem pelo País, que lhe valeu o seu quadro "Depois da Missa", um dos muitos interiores de igreja apresentados ao Salão deste ano, ele relembra os tempos de suas lutas para se tornar pintor:

— Dentro do meu ponto de vista, eu sou moderno. Já não pinto como o faziam os mestres do século passado. Antigamente havia vagar, havia recursos. Assim se processou a evolução da arte, de acordo com a evolução econômica e social e de acordo com o progresso da indústria e as necessidades criadas pelas circunstâncias. O velho Bernadelli, por exemplo, de quem fui discípulo, podia fazer grandes composições, porque os seus estudos lhe permitiam. Ia à Europa quando era necessário fazer lá algum estudo; os seus recursos permitiam essas viagens.

— E o senhor já não achou tantas facilidades no exercício de sua profissão?

— Devo antes esclarecer-lhe que a minha profissão não é pintar. Para poder me dedicar à arte, fiz três concursos para a cadeira de professor de desenho do Colégio Pedro II, conseguindo por fim, com a obtenção desse cargo, uma situação que me permitisse permanecer no atelier o tempo necessário à minha vida artística. Hoje em dia o pintor faz prodígios para poder consumir alguma coisa que lhe agrade.

— E o senhor ainda não conseguiu o que queria?

— Não, nem o conseguirei nunca.

E, assim dizendo, o artista descobre duas telas.

— Olhe este trabalho. Ele reproduz uma audição de piano do padre José Mauricio perante a corte de D. João VI, com a presença de Marcos Portugal. Essa passagem histórica eu pretendo reproduzir num óleo de tamanho natural, mas as dificuldades que vão surgindo são inúmeras. Aqui está um esboço da obra. E aqui um estudo mais detalhado das figuras. Mas para se fazer um quadro destes são necessários recursos infinitos, de que não disponho. Um deles é o vestuário. O velho Bernadelli me legou muita coisa a respeito de "toilettes" antigas, mas mesmo assim o material que possuo é deficiente. E essa deficiência de material para estudos me prejudica enormemente. Nenhuma composição baseada num tema histórico pode ser feita dessa maneira com fidelidade.

— E o senhor pretende se dedicar exclusivamente às composições?

— Não. Acho que um artista deve se dedicar a todos os ramos de sua arte. A especialização é um prejuízo. Eu pinto tudo o que julgo realmente digno de pintar. Retrato as coisas que a meu ver são belas, pois tenho a pintura como uma função do belo.

Roberto Burle Marx sentado na varanda de sua velha residência do Leme, que está rodeada de aquários onde nadam peixes de formas surrealistas e plantas que parecem importadas da Lua ou de Marte.





Ao alto, o professor Jurandyr Pais Leme, prêmio de viagem pelo País, pela secção académica, fotografado num recanto de seu atelier, junto a um gesso clássico que enfeita o estúdio. Em baixo ele aparece em pleno trabalho, entregando o guarda-pó característico dos pintores e empunhando a palheta.

— Neste caso a pintura deve se restringir à reprodução fiel do modelo?

— Absolutamente. A pintura não é arte fotográfica. Um artista vê uma paisagem e aproveita dela aquilo que lhe parece mais belo. Os seus tons e a forma que ele dá à coisa marcam o valor de sua pintura.

— E os modernos?

— Os modernos não são por assim dizer modernos. Não sou cego; sei que a arte tende a evoluir. Ninguém pode negá-lo. Mas a sua evolução deve seguir a evolução do mundo. É inútil fazer como os modernos, que tentam apresentar hoje uma obra de um subjetivismo incompreensível, dando assim a idéia de que querem lançar no século XX a arte do século XXII. Sei que a este argumento eles retrucariam: "Mas nós imaginamos as coisas assim". Neste caso não teríamos a arte como uma função do sentimento ou da emoção. Ela seria apenas um produto da inteligência. E a arte, meu caro, esta é a verdade, é cem por cento emocional. Um artista deve sempre sentir o que vê, e nunca calcular e analisar o que lhe cai sob os olhos.

— Mas quanto ao Salão deste ano: qual a sua opinião sobre as duas divisões.

— Acho que o Salão não apresentou surpresas. Foi como têm sido os outros.

— E o senhor encontrou alguma coisa de valor na divisão moderna?

— Não posso negar. É verdade que houve muita coisa diante da qual a gente parava sem saber o que queria dizer o autor. Procurava o catálogo para ver se o título esclarecia algum ponto. E a legenda deixava a gente mais ignorante ainda.

— E o trabalho premiado com a viagem à Europa, agradeceu?

— Não posso negar que Alfredo Ceschiatti seja um artista que merece. E promete...

NA CASA MALUCA DE BURLE MARX

Saindo do atelier de Jurandyr Pais Leme rumamos para a casa de Roberto Burle Marx, laureado com medalha de prata na divisão moderna.

Fomos encontrar o artista assentado em seu gabinete de trabalho, estudando as fotografias de um de seus jardins surrealistas, que se espalham hoje por todo o Brasil.

Há muito tempo que Burle Marx se dedica à arquitetura de jardins, tentando adaptar a velha "natureza flórea" de Augusto dos Anjos à nova concepção de arte dos revolucionários.

A casa de Burle Marx está situada na velha Fazenda do Leme. Rodeada de plantas exóticas, cheia de aquários onde nadam peixes

saídos dos quadros de Picasso, dá bem a impressão das tendências de seu dono.

Burle Marx falou pouco. Começou por dizer que a sua concepção de arte sempre fôra diferente daquela que rege as produções dos académicos.

— Eu pinto aquilo que sinto e que imagino. Pinto o que acho que deve ser criado. Não posso me limitar às formas que encontro na natureza, pois a natureza não tem senso estético. O artista é que deve procurar fazer o belo a seu modo; do contrário limitar-se-ia a plagiar o que já foi feito. É assim que eu compreendo a arte. Que outros a compreendam de outro modo. Faço a minha; eles que façam a sua. Mas não gosto da arte deles.

— E está satisfeito com a decisão do júri?

— perguntámos.

— Não poderia deixar de estar. Se me submeti ao júri do Salão, estava tacitamente disposto a aceitar como certas tôdas as suas decisões.

Trazíamos na mão um jornal do dia, que estampava uma grave acusação contra o pintor Oswaldo Teixeira, aventando a hipótese de haver sido plagiado um cachorro que faz parte da composição de seu quadro "Sonata de Kreutzer", apresentado no Salão.

Perguntámos a Burle Marx a sua opinião a respeito. E ele nos respondeu sinceramente:

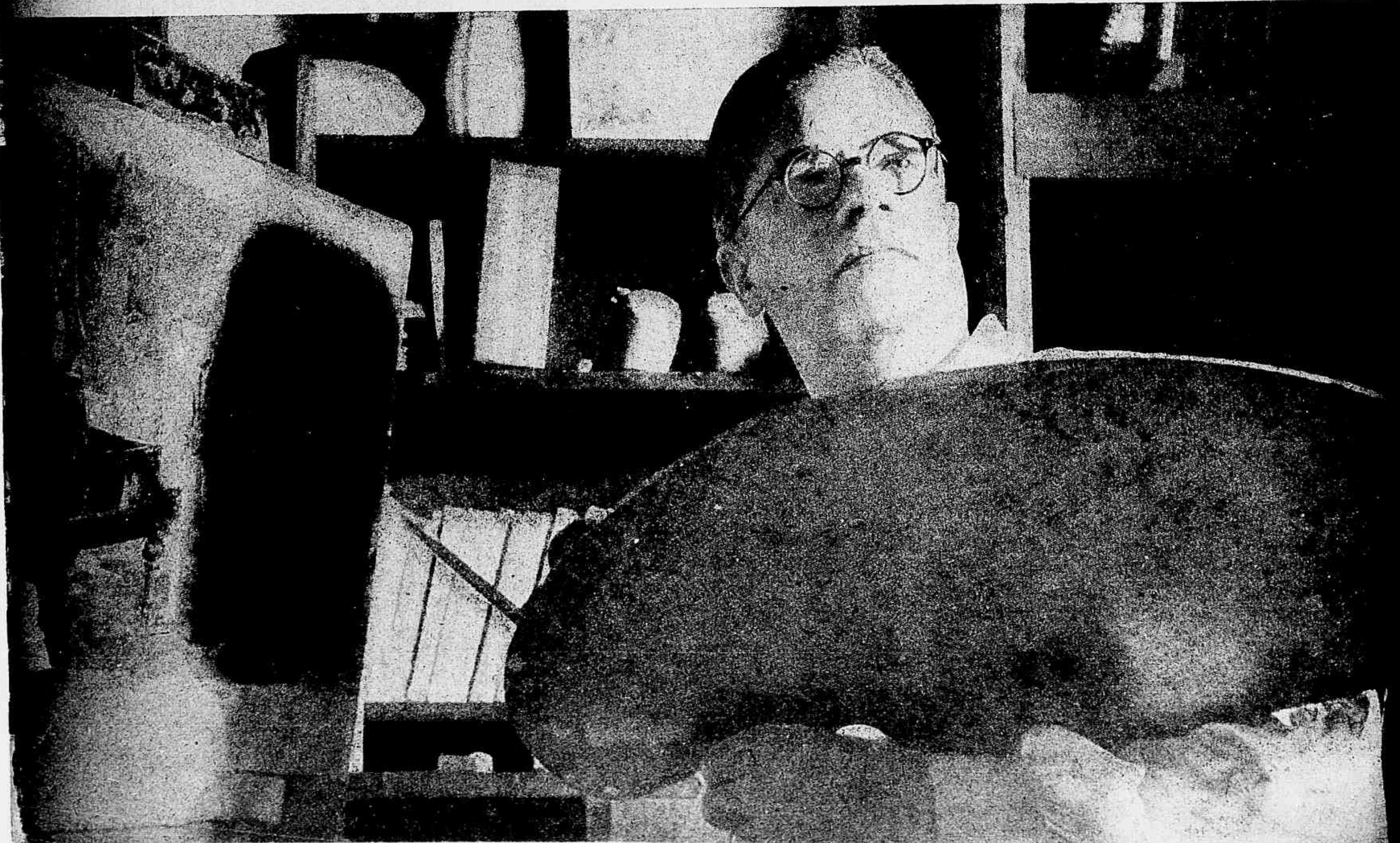
— Não creio que um detalhe possa determinar que houvesse plágio. Mas, com plágio ou sem plágio, não gosto dessa pintura.

Mudámos o rumo da conversa para o fundo do Salão e procurámos saber a opinião de Burle Marx sobre o prêmio concedido a Ceschiatti. Eis a resposta:

— Nenhum trabalho mereceu tanto o prêmio quanto o baixo relêvo apresentado por ele. A decisão foi justíssima.

ALFREDO CESCHIATTI FOI VERANEAR

Alfredo Ceschiatti, escultor premiado com a viagem ao estrangeiro pela divisão moderna, talvez seja ainda para muitos um nome desconhecido. Muito jovem ainda, mal entrado num quarto de século, a sua idade o distancia bastante dos outros laureados. Procurámos ouvir a sua palavra sobre o Salão. Encontrámos porém vazio o seu quarto de





Ao alto: o professor Oswaldo Teixeira mostrando o jornal que reproduz a sua entrevista ao nosso companheiro Celius Aulicus. Os dois conversam na posição da figura do quadro "Sonata de Kreutzer", de Oswaldo Teixeira; ao centro, "Meu modelo e meu cão", de G. Hervé, e, finalmente, Oswaldo Teixeira em companhia de sua mãe, sua senhora e um amigo, tendo junto de si o cão que serviu de modelo para o quadro.

artista, situado no terrasso de um arranha-céu da avenida Atlântica.

Alfredo Ceschiatti foi veranejar. Foi passar o Ano Novo com a sua família, em Belo Horizonte. A estas horas estará passeando a sua cabeleira de escultor laureado pela avenida Afonso Pena, cumprimentando os amigos de infância que for encontrando pelas portas dos cafés. E todos o apontarão na rua, dizendo à meia voz: "Aquêlé é o Ceschiatti, você lembra-se? Aquêlé garoto que desenhava para a gente no Ginásio Mineiro". E muitos se lembrarão. Ceschiatti começou, não faz muito tempo, a sua carreira artística desenhando para os colegas menos habilidosos no Ginásio Mineiro. Veiu para o Rio, estudou mais, aderiu ao modernismo, começou a esculpir, fez um dia um baixo-relêvo e ganhou o prêmio de viagem. Conseguiu antes dos trinta anos um laurel cobiçado por muita gente de cabelos brancos. Agora voltou vitorioso à sua terra. E os mineiros, ao terem notícia de sua vitória, hão de por certo murmurar na sua doce ingenuidade: "Sim senhor, o Ceschiatti, que eu vi de calças curtas! Sim senhor, quem havia de dizer!"

Pensávamos ainda na glória de Ceschiatti, quando o nosso olhar caiu de novo sobre o jornal que trazíamos na mão. Lá estava, em letras gordas, a grande nova: "O Salão sensacional. Acusado de plágio o pintor Oswaldo Teixeira".

A HISTÓRIA DE UM CÃO

O pintor Oswaldo Teixeira explica como começou a história:

— Um homem dirigiu-se à redação de "O Jornal" e exibiu uma fotografia do quadro "Meu modelo e meu cão", pintado pelo francês G. Hervé, em 1918. Exibindo ainda a foto do meu "Sonata de Kreutzer", mostrou os cães que aparecem em ambos os trabalhos e concluiu dogmaticamente: "E' plágio".

— E o senhor tem provas em contrário? — perguntámos.

— Sim. O meu acusador foi tão sem sorte que tenho montões de provas com que refutar

todos os seus argumentos, se é que êle apresenta algum. Em primeiro lugar, vê-se logo (mesmo quem for leigo no assunto o verá) que o cão pintado por mim é um galgo, ao passo que o cachorro de Hervé é um "collie". A diferença entre os dois evidencia-se logo pelo comprimento das pernas, que o "collie" tem curtas, e pela largura do peito, que é nele muito mais extensa.

O pintor exhibe-nos um envelope e recomenda:

— Não bastasse isto, tenho outras provas. O homem que levantou esta acusação declarou categoricamente que não existem galgos no Brasil. No entanto o cão que aparece em "Sonata de Kreutzer" é um galgo que durante muito tempo me pertenceu. Não o tenho mais hoje em minha casa porque tudo o que êle via pela frente destruía. Mas felizmente ainda guardo fotografias feitas aqui, em que apareço, juntamente com pessoas de minha família, acompanhado do cão.

E o artista mostra-nos várias cópias fotográficas onde figura o famoso galgo que deu margem ao mais ruidoso caso jamais levantado no Brasil por um salão de pintura. Ali está o cão, de patas retesas, branco e preto, em tudo semelhante ao que aparece na tela do Salão.

Diante disso, não tivemos mais dúvidas. A idéia do plágio não passava de uma calúnia.

Não contente porém com isto, Oswaldo Teixeira nos mostra a sua sala de visitas, que serviu de ambiente para o quadro. Tudo é inteiramente igual à pintura. O piano, o atalhado que o cobre, o tapete... O próprio violino, pertencente a um filho do pintor, está jogado sobre a mesma cadeira. Não, não foi plágio. Tudo foi tirado do natural.

Assim, o homem que quis prejudicar Oswaldo Teixeira mais não fez que lhe dar uma imensa publicidade gratuita, sendo pois merecedor da própria gratidão do artista.

E o cão mais não fez que o papel do cão de Aristóteles.

Quem não sabe esta passagem da vida do sábio ateniense, que procure lê-la nas páginas da História Antiga.





— Minha mãe já me preveniu a respeito das pequenas como você... E meu pai também me esclareceu alguma coisa...



— Espero que futuramente a senhora acreditará quando eu disser que estou nervoso, não é?

DE BOM
HUMOR

— Oh, querido! Fale-me das privações por que passou nessa terrível guerra...



— "Hello" papais! Aqui estou de volta da minha gloriosa jornada de guerra na Austrália...





A menina Joana, filha do sr. Antonio Di Lucio e dona Filomena Di Lucio, que no dia 8 de dezembro último fez a Primeira Comunhão.

Os meninos Ronaldo e Rui, diletos filhinhos do sr. Rogério Gonçalves e de dona Judith de Pinho Gonçalves.



Na tarde de 19 de dezembro, no altar-mor da igreja de Nossa Senhora do Brasil, teve lugar a cerimônia nupcial da sta. Margaret Obetko-Lanthos, sobrinha do casal Maria-Mauricio Ausch-Lanthos, com o sr. Oscar Ornstein, alto funcionário da Agência Difusora de Anúncios. E' um flagrante do ato solene o que nos oferece a gravura acima.

FIGURAS E FATOS

A Câmara de Indústria e Comércio Brasil-Argentina, entidade que surge com o louvável e patriótico objetivo de intensificar o intercâmbio comercial, artístico e cultural entre o nosso país e a vizinha nação irmã, ofereceu um almoço à imprensa do Rio, no restaurante do Aeroporto Santos Dumont, em que expôs os seus planos de ação, do maior interesse para os dois povos amigos. E' dessa reunião o flagrante que fixamos abaixo.





natureza e do tumulto da vida seus en-
namentos, não necessitam de procurar a
beleza porque ela lhes vem ao encontro,
podem prescindir de escolas porque se
tornam criadores das mesmas.

Mas como os gênios, em começo, não
têm consciência do fenômeno que repre-
sentam, todos que sintam pendores core-
gráficos devem aprender o método clás-
sico, como um pintor deve aprender de-
senho, um ator solfejo e um escritor
gramática.

Os exercícios clássicos realizam a meu
ver, a afinação do corpo para a harmonia
dos movimentos.

A dança em ponta, porém, devido ao
esforço que impõe aos bailarinos, empre-
ta-lhes expressões falsas, rouba-lhes a na-
turalidade aos movimentos e só em casos
de genialidade consegue transmitir emo-
ções intensas.

A dança em ponta enleva mas não co-
move porque lhe falta realismo. Só no
caso frequente dos múltiplos "fouetés" e
das "pirouettes" vertiginosas, caso que
resulta em mais mecanismo que arte, e
transforma o puro clássico em clássico-
acrobático e em poucos outros, antagô-
nicos ao primeiro, como no da "Morte
do Cisne", em que se constata o clássico
expressionista — a dança mais emoção
que movimento.

Quando danço em ponta sinto-me à su-
perfície da arte; e se ao público esse gê-
nero de baile dá impressões de espiritua-
lidade, para nós bailarinos ele representa
a dança em seu materialismo, pelo mal-
estar físico que ocasiona a posição anor-
mal dos pés.

Convivi quatro anos com velhos baila-
rinos clássicos, e eram gerais as queixas
que me vinham aos ouvidos em todas as
noites de espetáculos. Não se trata, pois,
de uma particularidade física, deficiência
de treino ou falta de vocação de minha
pessoa para essa espécie de baile.

A realização integral da ponta, incon-
testavelmente, trouxe à coreografia momen-
tos de espiritual beleza; tais momentos,
porém, não compensam a deformação das
panturrilhas pelo excessivo desenvolvi-
mento muscular que provocam nas mes-
mas e da arquitetura dos pés pelo enfra-
quecimento da abóbada plantar.

A execução de uma boa ponta depende
apenas de treino consecutivo e demorado;
não requer do bailarino nenhuma emoti-
vidade; muito ao contrário: prejudica a
mesma, quando, de fato, exista.

Coube à extraordinária artista sueca,
de treze anos apenas, Maria Taglioni, em
1826, a glória de realizar o que milhões
de bailarinos ensaiaram naturalmente,
através de séculos, em meia ponta pri-
meiro, e mais tarde em três quartos de
ponta. Pertencendo a uma família de ar-
tistas — filha da bailarina sueca Anna
Karsten e do bailarino italiano Filippo
Taglioni, Maria tivera a infelicidade de
crescer feia e corcunda. Dentro da for-
ma que ela própria deveria repudiar, seu
espírito se debatia numa luta heróica de

Sempre existiu a "folk-dance" brasileira

Ignorada por muitos e repudiada por quase todos

A dança brasileira é credora de muitos
bons serviços que Eros Volusia lhe tem
prestado. Dela muito se tem obtido para
a criação do verdadeiro bailado regio-
nal, e desde menina a filha da poetisa
Gilka Machado fez-se, a poder de muito
estudo e muita perseverança, uma intér-
prete da dança brasileira. Apaixonada
e estudiosa, ela percorreu os sertões do
País, à busca de material lendário e es-
tético, recolhendo "folk-lore" e coligindo
imenso cabedal, com que pôde ainda mais
aprimorar-se. O que poucos sabem é já
ter Eros Volusia escrito ponderadamente
sobre a dança nacional e mesmo, anos
atrás, realizado uma conferência à mar-
gem do seu tema predileto. Dêsse subs-
tancial trabalho reproduzimos hoje uma
parte:

A investigação humana ainda não
pôde precisar o nascimento da
dança, porém afirma que foi ela
a arte primeira. Na dança encontrou o
homem a expressão inicial, a palavra do
seu deslumbramento, o meio de agrade-
cer a Deus a alegria da vida. O primeiro
bailado foi oração.

Dançar é viver a vida em plenitude de
com o lírico movimento do protoplasto,
na claras manhãs edênicas, à sugestão
das ondas, das franças e dos pássaros,
dançando à música do vento.

Dançar é viver em sua plenitude de
graça, que é a saúde do corpo e da alma,
é espiritualizar a forma dando formas
eternas ao movimento.

Mesmo quando uma pessoa não possua
capacidade artística, enquanto seu corpo
delineia no espaço um "arabesque", salta
num "grand jete", espirala numa "pirou-
ette", seu espírito, por força de atração
da matéria, pela continuidade das atitu-

des estéticas a cuja assistência ela o obri-
ga, sofrerá a mesma modelagem que ao
corpo emprestam os dedos mágicos dos
rítmos musicais.

Toda criatura que sentir que a música
projeta imagens em seu espírito e acorda
anseios de movimentos em seus músculos,
deve submeter o corpo à correção dos
defeitos e ao aperfeiçoamento das quali-
dades, para que se lhe tornem mais fáceis
as grandes realizações coreográficas; deve
entregar-se a longos e metódicos exercí-
cios, pois só através dos mesmos pode
alguém conseguir a respiração, o equi-
líbrio, a resistência, a elevação e a fle-
xibilidade indispensáveis às exibições de
dança.

Dançar é encarnar a música, e essa
carne em suas linhas móveis e imóveis,
reais e subjetivas, deve ser harmônica,
deve parecer perfeita.

Os gênios, porém, são quase sempre
autodidatas extraem de si mesmos, da



libertação. Em exercícios consecutivos, ela dominava a matéria para disfarçar com as linhas fugidias da dança seu corpo de feias linhas; em elevados e vertiginosos movimentos ela torturava os pobres músculos, procurando apagar aos olhos do público o borrão de sua presença...

Maria Taglioni conseguiu, assim, criança ainda, revolucionar a dança, pairando duplamente acima de seus colegas, com o primeiro baile em ponta.

Só mesmo um absoluto desprendimento físico e uma força de vontade anormal, poderiam provocar essa realização.

Os gregos, porém, que eram geralmente belos e cultivaram a dança mais que qualquer outro povo, só a executaram em meia ponta, não precisando de maior elevação para a espiritualidade de sua sábia coreografia, cujo ideal era estampar nos movimentos a idéia, era elevar à fisionomia e ao gesto as profundezas psicológicas.

Embora tenha recebido a maior parte de seus elementos da Espanha e da Itália, desenvolvendo-se e culminando na Rússia, para logo depois se divulgar universalmente a chamada "escola clássica" é francesa.

Tendo sido executada em 1826 a dança em ponta, só em 1861 foram fixadas as bases da dança acadêmica, da escola em que ela predomina: as cinco posições.

Produto de um longo e laborioso ecletismo de movimentos internacionais, enriquecido gradativamente com criações e descobertas resultantes de seus próprios exercícios, a chamada escola clássica hoje constitui um método severo. Mas na sequência desse método se revelam predominantes, facilmente reconhecíveis, os elementos folk-lóricos espanhóis, italianos e indus.

A arte não se pode deter diante da vida que se modifica todos os dias na adoração do belo realizado, reproduzindo-o. A escola clássica dá-nos uma chave de belos movimentos e atitudes: sirvamo-nos dela para abrir as portas à imaginação criadora, não permitindo que a mesma nos encarcere dentro de seus preceitos. O que hoje é considerado plebeísmo ou modernismo revolucionário, amanhã estará academizado, pois o classicismo coreográfico inspirou-se nas criações anônimas dos povos, é um amálgama de movimentos característicos da dança universal.

Introduzir a plástica na música como num "maillot" tenuíssimo; transmutar em expressão e movimento os ritmos sonoros que nos penetram os sentidos, devolvendo-os ao infinito na rapidez do milagre da arte; encarecerar vôos nos gestos, dando asas aos rastejos; empreender às melodias uma fuga do eu; traçar com o corpo, no espaço, as palavras profundas do silêncio; conter na elasticidade frágil da forma a alma de toda a natureza e a natureza de todas as almas: dançar! Dançar mesmo em quietude, com os olhos errantes, com os lábios trementes, com o sangue em palitação, com o pensamento espiralando para o alto; ser uma mensagem de carne radiosa, uma comunicação da terra com o céu

★

Quando iniciei meus estudos e minhas exhibições de "folk-dance" brasileira, nada havia sido até então realizado. Mesmo os mais notáveis folk-loristas nacionais não haviam ido além de referências lacônicas, de anotações ligeiras e confusas sobre o assunto.

Artisticamente, a dança brasileira resumia-se no maxixe executado a dois, em espetáculos de variedades, de "music-hall", não passara ainda de número popular à classificação elevada de expressão artístico-racial. Atualmente, porém, ela já se encontra um tanto vulgarizada, já foi apresentada oficialmente pelo Ministério da Educação, já figura no Municipal em festas de gala e nas temporadas oficiais de bailados clássicos, já constitui espetáculo isoladamente, tão rica é ela de modalidades; e seu êxito artístico assumiu tais proporções que todos os bailarinos estrangeiros que aqui aportam incluem-na às pressas em seus repertórios, para conquista de público.

E' com orgulho que verifico quantos desde então me vêm secundando a patriótica atividade — escrevendo, compondo músicas, bailando. Amigo e inimigos, auxiliando-me ou combatendo-me, todo nosso mundo artístico entregou-se à faina do alevantamento da dança nacional.

(Continua na pág. 47)



Bilhete

NEVES era casado e tinha um filho, mas andava às voltas com a viúva do tenente Erondino, lá na rua do Tijolo. A princípio foi-lhe difícil camuflar as aventuras; mas a diplomacia, aquela velha sonsa, encarrapatau-a à língua e venceu as dificuldades. Era proprietário de uma padaria conceituada; com o fito de aumentar-lhe o prestígio, inventou uns "serões" semanais, também o melhor meio de passar a noite à fresca com a viúva. Assim, fez da padaria uns óculos de couro bem grandes e pendurou-os no nariz da esposa. Esta — coitada! — era uma mulher boa, chamava-se Concórdia. E concordava com tudo p'ra fazer jús ao nome. Delgada, uns 49 quilos bem pesados; naturalmente simpática, com vislumbres de beleza. Vivía para o filho e para o marido. Não se diga que era sabida; via em Neves um exemplar luxuoso da fidelidade.

Neves era um sujeito baixo, cara redonda e diplomática. Tinha um remendo p'ra tudo, uma saída de emergência p'ra cada apêrto. Numa discussão aparentava mais um deputado que um fabricante de pães. Tinha uma maneira original de graduar-se, de ficar sisudo ou gaiato, conforme a conveniência do momento; quem o visse em casa e na padaria, mesmo pondo-o contra a luz, não lhe dava o mesmo nome. Maganão de chapa, o marido de Concórdia.

Foi assim que alcançou o índice "ótimo" da vida; tudo à custa da língua solta e cara movediça. Um dia... há sempre "um dia de juízo" na vida dos sábios. Vejamos:

Por volta das 10 horas chega Neves em casa com cara de pêzames.

— Meu terno preto — pediu de entrada. Sua voz era toda condolências.

Concórdia já havia imaginado um desastre, mas o pedido do marido desfez a impressão. Em regra, o "terno preto" de Neves prenunciava solenidades insignes: um casamento, um entêrro

de primeira, um batizado luxuoso, etc. A fisionomia calculada de Neves, embicada em seu "terno preto", assumia um ar brejeiro de político reformado. E ele andava sonhando com estas solenidades. Quando se quer caracterizar certos tipos é indispensável a repetição; repita-se, pois: Neves era mais político que fazedor de pães. Todavia, voltando ao "terno preto", quando não fôsse nesses casos, só as noites tempestuosas ou a maçonaria o punham a lume.

— Alguém morreu? — arrisca Concórdia.

— O Arlindo, desde ontem; como você sabe...

É preciso que você preste uma certa consideração, não é?

Concórdia já sabia de memória as manhas do marido.

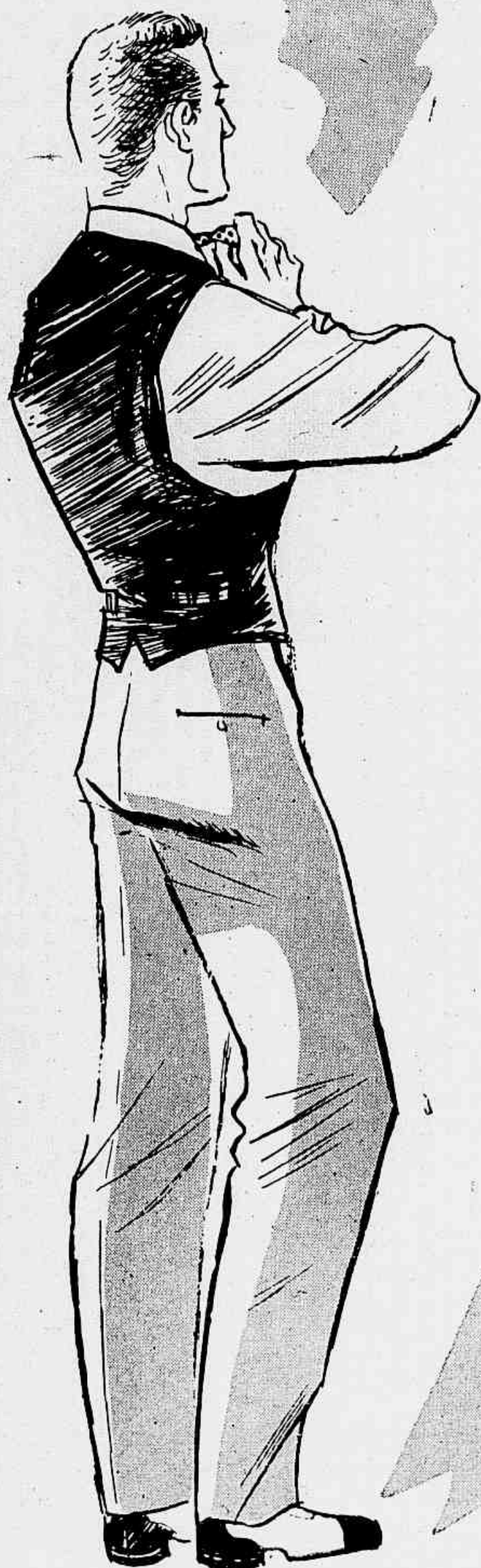
— Bem, não há dúvida; é um dever amargo que não se pode furtar às conveniências sociais. Afinal tenho minhas relações, meus...

— Seus amigos, sua posição social, etc. Mas veja que está atrasado.

— É verdade, querida; até logo.

E lá se foi Neves resumindo em si toda a sociedade: um "terno preto" e uma cara volúvel. Se não tens uma roupa de gala, leitor inexperiente, arranja-a, compra-a, furta-a; não há melhor arma para... Voltemos ao caso.

Com a saída de Neves, Concórdia pensou em mandar lavar a roupa que o marido deixara. Como de costume revistou-a: lenço, carteira de notas, etc., guardou tudo cuidadosamente. Não se sabe levada por que diabos, meteu Concórdia o dedo no "bolso do fósforo"; estava furado; todo o fôrro era um bolso só. E lá se foi o dedo indiscreto, foi foi... para um lado, para o outro, lá no canto, sim, escondidinho, sim, lá estava a origem do meu conto. Era um bilhete da viúva encerado, amarrotado, rabujento como tudo que é ilícito. E o dedo depois de denunciar os amores de Neves lá ficou, agarrado à mão, impassível, indife-



rente, cínico como todo delator. Ah! dedo nocivo, se Neves te apanha!...

Concórdia transfigurou-se: empalideceu, de uma palidez pudica, honesta, cabida; tremeu, chorou de indignação.

Passados os primeiros minutos da crise releu o bilhete:

"Queridinho Neves:

Vê se arranjas dois "serões" p'ra semana que vem. — Tua Odete".

Concórdia calculou, de oitiva, de onde datava a infâmia e rebuscou um remédio, mais que uma vingança. Amava o marido, mesmo brejeiro como era.

Por volta do meio dia chega Neves suado, pachorrento, com aquêle ar de quem executa bem uma tarefa difícil. Concórdia em nada estava diferente; não se lhe notava uma ruga, sequer, de aborrecimento. Agora, mais que nunca, era de mister a discreção e o silêncio.

Que fique logo patenteado: o filho de Neves chamava-se Jerônimo; era feio, magro e abilhuado. Cinco anos tinha êle.

Lavado e penteado, Neves sentou-se à mesa. Concórdia e Jerônimo seguiram-lhe.

— Ainda não fomos ao cinema êste mês, Afonso — começa a esposa. — Que tal se fôssemos sábado?

— Domingo, querida; sábado é dia de "serão".

— Oh! Afonso, eu queria sábado...

— Você compreende, querida, é preciso que se dê assistência aos trabalhos noturnos, ao menos uma vez na semana. A noite que eu velo na padaria, ao pé do trabalho, aumenta em grande parte o meu conceito de homem trabalhador e cumpridor dos deveres. Nenhum proprietário faz isto; em compensação nenhum dêles goza o prestígio que eu gozo. Êste é um sacrifício que, modésia à parte, muito me enobrece; não se aborreça; iremos outro dia qualquer.

— Bem, sendo assim, deixemos para domingo.

Concórdia começava a ver claro. Os "serões" a que Neves

aludia, com tanto garbo, com tôda aquela ornamentação fraseológica, não passavam de uma descarcação com uma viúva, vítima também de sua lábia.

Não esmoreceu; foi adiante:

— Sabe quem esteve hoje comigo?

— Não tenho a mínima idéia.

— D. Guiomar, aquela senhora gorda que mora ali no 38, sabe? Ela me deu uma notícia bem boa e outra assim...

— Vamos a elas.

— Ela me disse — continua a boa senhora — que você é um homem muito fiel; que notara isto em seus modos. Fiquei muito orgulhosa de você!

Neves admirou-se; não fôra a própria d. Guiomar a quem tentara seduzir na semana passada? Sorriu superior e desinteressadamente.

— Ela não lhe disse nenhuma novidade, garanto-lhe. Qual foi a outra coisa?

— Disse-me qu você andava "fazendo coisas" escondido. Eu não acreditei, mas fiquei triste.

— Não lhe assiste, a ela, nenhum direito de interceder num lar tão feliz como o nosso. Fiel a você sempre fui e serei; isto são fidúcias de solteironas.

— Confiança eu tenho muita; mas — insiste Concórdia — você não acha que é cruel uma coisa destas? Um marido atrair sua mulher?

— De fato, cruelíssimo. Todavia uma simples informação de um terceiro não é o suficiente para desabar uma felicidade que se conseguiu em anos.

— Você tem razão — confirma Concórdia com ingenuidade calculada. — Que deveria fazer uma esposa que encontrasse no bolso de seu marido um bilhete comprovante de seus amores ilícitos?

Enquanto a conversa girava em torno da informação de d. Guiomar, tudo se remediaria. Fazer dela prólogo para tal assunto, não era nada agradável a nosso herói. Disfarçou, limpando as unhas com um palito, e começou um longo discurso sobre a possibilidade de um cidadão receber um bilhete de uma mulher sem nunca a conhecer. Falava com ênfase, gesticulando e ilustrando o ponto de vista com casos, inventados à hora, de "amigos íntimos" que êle nunca teve. E arrematou:

— Afinal, não é a mulher a

parte fraca? Por que não pode num momento crítico dirigir-se indiretamente a um homem, pelo simples fato dêle a ter impressionado? Os exemplos chegam e "eu sei de vários". Muito se em falado e escrito sobre essa espécie de amor que se chama "de primeira vista".

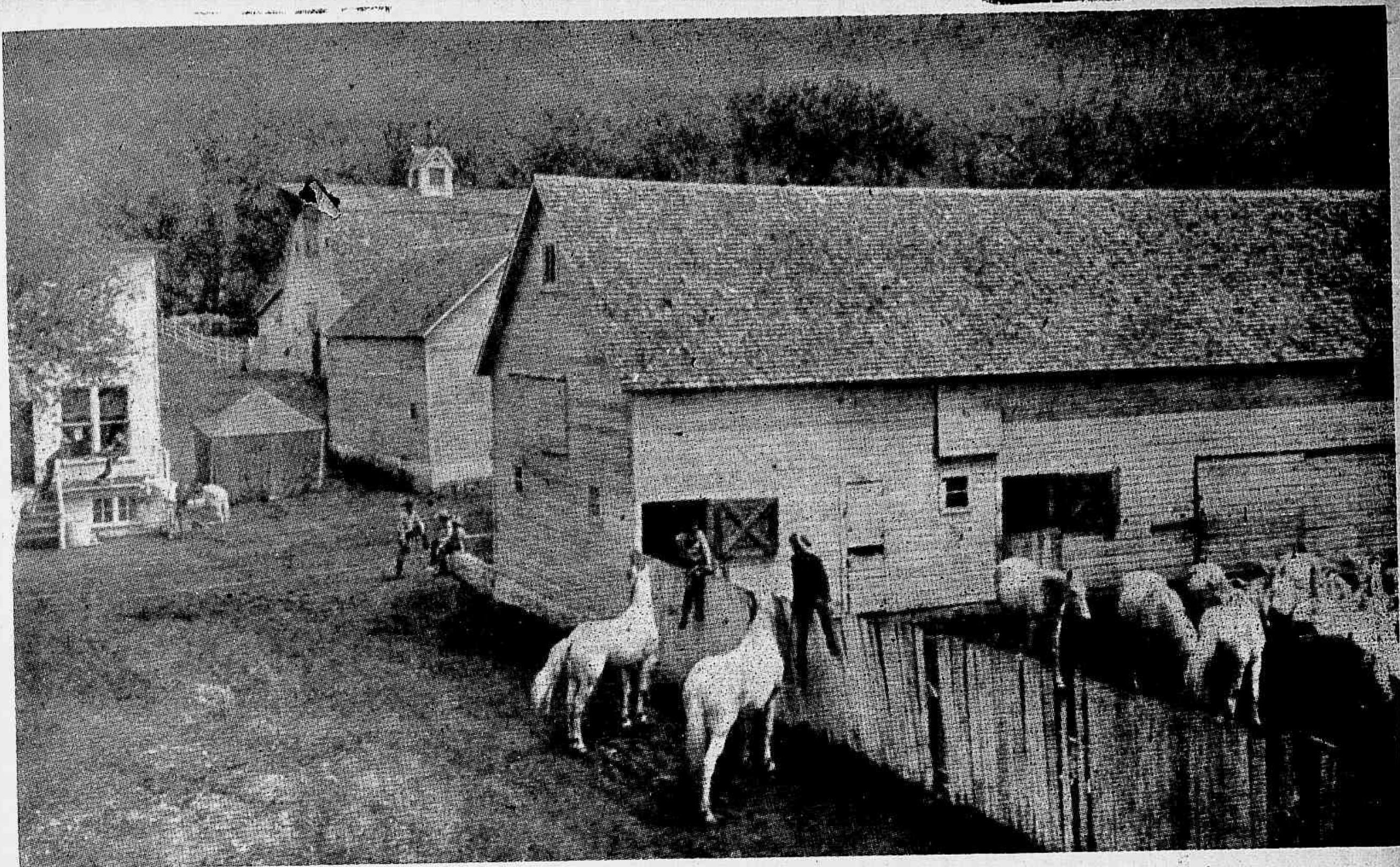
Concórdia escutava a diplomacia do marido com um sorriso nos lábios. E Neves continuou:

— No caso de traição a coisa é diferente. Não deixando em branco sua pergunta, eu faria o infame engulir a carta ou bi-

(Continua na pág. 46)







Nos momentos de descanso, enquanto os "cow-boys" dançam e cantam as suas músicas dolentes, os cavalos irrequietos galopam pelos campos e entregam-se à luta.

NOSSOS AMIGOS OS CAVALOS

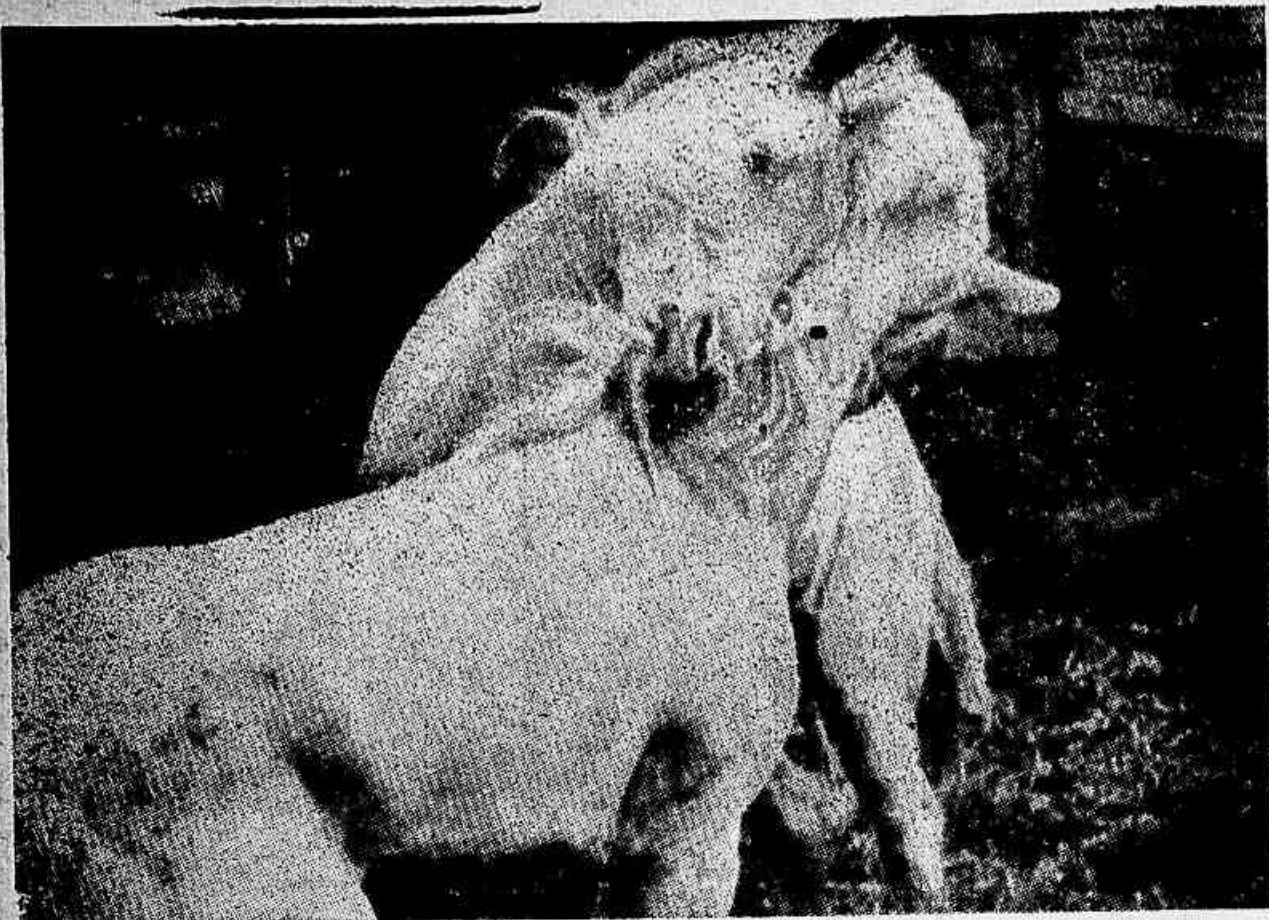
No norte de Nebraska acontece algo como só nos Estados Unidos poderia acontecer: uma fazenda destinada exclusivamente à criação

de cavalos brancos. Cavalos ágeis, fortes e vigorosos, descendentes dos velhos corcéis de batalha do deserto, que espumavam em ga-

lope ao canto de guerra dos guerreiros priscos, que corriam indomáveis sobre os seus dorsos de neve, fazendo rebrilhar ao sol do

Magnífico aspecto de um dos rebanhos da Fazenda dos Cavalos Brancos, situada ao norte de Nebraska. Enquanto pastam mansamente, os cavalos conservam-se calmos, como os parelhinhos de corrida ao receberem as rações, nas coudelarias elegantes...





Um potro ágil e vigoroso, após as pejeas travadas nos campos com os companheiros, reconduzido ao estábulo, acaricia mansamente a crina alva de sua pequena companheira.

Uma mãe, orgulhosa de seu rebento, afaga-lhe a crina, enquanto os mais velho da tribo se entregam nos campos às lutas e às correrias, galopando pelos prados e montanhas.

equador as cimitarras d prata. Enquanto os "cow-boys" descansam e cantam, na fazenda de Nebraska, os cavalos correm pelos campos

em fora, lutando e bramindo, na fúria incon-tida e congênita que lhes legaram os seus avós orientais. São bravos e rudes, ferozes e he-

róicos. No entanto, na pausa dos embates, eles acariciam as crinas alvas das companheiras, num idílio meigo e doce...

Flagrante magnífico, que nos mostra a fase mais emocionante de uma luta titânica entre dois poderosos reprodutores do belo rebanho branco. Este dois lutadores são descendentes dos heróicos e ferozes cavalos dos guerreiros da meia lua, que enfrentaram Ricardo Coração de Leão e Frederico Barbaroxa.



Quem seria o misterioso homem da cabana, que ela apenas ouvira nas trevas?

O HOMEM DA CABANA

Quando êle apareceu à porta da sala, ela voltou-se bruscamente e perguntou:

— Falou com êle?

O rapaz olhou-a, em silêncio. Depois deixou-se cair numa poltrona e respondeu:

— Falei.

— Que foi que êle disse?

a sua mentira inicial não estaríamos nessa situação.

— Mas eu não fiz por mal... Foi que...

Conto de
Edgar Wallace



Jack sorriu, ironicamente:

— Disse que vai me forçar a casar com você.

— O que?

Ela estava assustada.

— Mas êle não pode fazer uma coisa dessas — protestou.

Entretanto Jack nada mais disse.

— Você precisa agir — prosseguiu ela. — Provar a êle que tudo foi um engano, que não foi você. Não posso casar com você.

— Você devia ter pensado nisso há mais tempo.

— Fiz o que pude para convencê-lo.

— Você parece esquecer que se não fôsse

— Se fez por mal ou por bem, não interessa. O fato é que fez.

— Que é que você queria que eu fizesse, naquela situação?

— Você esquece que eu pouco sei da situação a que você se refere. Informaram-me que eu fiquei prêso com você numa cabana durante a maior parte da noite de 26 de setembro... E' só o que eu sei.

Brenda sentou-se ao lado dêle e começou: — Desculpe, Jack, você tem tôda a razão. Foi uma tolice. Eu depois quis reparar o que fizera mas era tarde. Aquêle homem...

— Conhece-o?

— Não sei quem era.

— Êle apareceu depois de você chegar à cabana ou já estava lá?

— Já estava lá... Eu ia para a casa de minha tia, de automóvel, e chovia a cântaros. O "chauffeur" teve que parar o carro. O motor estava enguiçado. Enquanto êle conservava, procurei abrigo numa cabana que eu sabia existir ali perto...

— E encontrou o tal homem lá?

— Assim que eu entrei, antes que pudesse falar, êle me pôs a mão na boca e disse com voz abafada: "Quieta!". O "chauffeur" tinha acabado o consêrto e viera procurar-me:

(Continua na pág. 44)



SÃO de Helen Hunt, uma das mais peritas e famosas "armadoras de cabeças" das "estrelas" da tela, os modelos reunidos nesta página, posados por Adele Jergens. A arte requintada do penteado é um verdadeiro culto para as mulheres bonitas do cinema. Passou o tempo em que os cabelos se arranjavam no alto da cabeça, de qualquer modo, contanto que não perturbassem o rosto e dessem liberdade de movimentos à dona. Mas o cinema fez voltar as cabeças armadas, muitas vezes com o recurso de efeitos coloridos, tonalidades novas. Ainda recentemente, vimos Deanna Durbin, que sempre havia sido morena, transformar-se em uma deliciosa lourinha, de cabelos côr de espiga de milho.

E' preciso variar de cabeça, aparecer de quando em quando com aspecto diferente e inédito, aos homens. E por isso Adele Jergens submete-se, com paciência beneditina, às imposições da Moda. Este seu mais recente penteado mais parece inspirar-se nas cabeças clássicas das mulheres gregas e romanas. Sem dúvida, em chegando a noite, quando a "estrela" precisar deitar-se, há de sofrer bastante para não destruir, por inteiro, a habilidosa tarefa de miss Hunt. Mas tudo se resolve da melhor maneira. E, intimamente, a "estrela" há de dizer assim: "Seja tudo pelo amor de Deus e do nosso dever profissional"... (Foto Columbia.)

PENTEADOS



★ NOS ★ BASTIDORES FEMININOS



BOA TARDE, 1946! — Este é o nosso primeiro bilhete endereçado ao Ano Novo. Um ano novo diferente dos outros, como já foi dito com muito acerto. Um ano novo que traz consigo, para nós as mulheres, possibilidades ainda mais fortes de progresso e de bem-estar. Somos as portadoras de esperanças empre renovadas para a Humanidade. Temos deveres a cumprir, na Paz, assim como os tivemos na Guerra, e aqui estamos, de ânimo erguido, para exercer nossos direitos e cumprir nossos deveres.

1946 deve, por força, constituir um ano diferente, porque dentro dos doze meses que agora se inauguram estão as possibilidades do famoso "após-guerra" de que tanto se falava. E aqui está esse "após-guerra", mesmo com a bomba atômica, mas portador de uma grande e efusiva mensagem de Paz, de confraternização universal.

Minhas amigas, saibamos aproveitar a dura lição que nos deram os anos da guerra e trabalhar mais, melhor, com afinco, para nossos irmãos, nossos pais, nossos maridos e nossos filhos não terem que repetir a proeza destas duas gerações. Eu olho para as crianças de hoje e vejo nelas, com o coração apreensivo, os soldados de uma terceira guerra que não deve registrar-se.

Dentro dos bastidores femininos é onde nosso papel de responsabilidade mais séria deve ser exercido. Saibamos orientar os homens de nossa vida, nossos parentes, mostrando-lhes o que representa a paz do lar sem nos expormos à repetição dos riscos da guerra. Se as lutas são um derivado das ambições humanas, é porque nós, as mulheres, participamos dessas ambições. E quantos homens deixam arrastar-se pela cobiça do ouro, provocando lutas coletivas, só porque sonham em reunir maior pecúlio afim de satisfazer a ambição de suas companheiras — espôsas ou filhas ou irmãs! Pois mostremos a esses homens que nós, mulheres, poderemos ser felizes também com pouco dinheiro. Economizando. Traçando diretrizes domésticas para servir de exemplo aos do "sexo forte"...

Sim, nós, as mulheres, que ajudamos a ganhar a guerra, temos hoje o dever de ajudar o nosso semelhante a vencer a Paz. — LÚ.



JEFF DONNELL (Columbia)



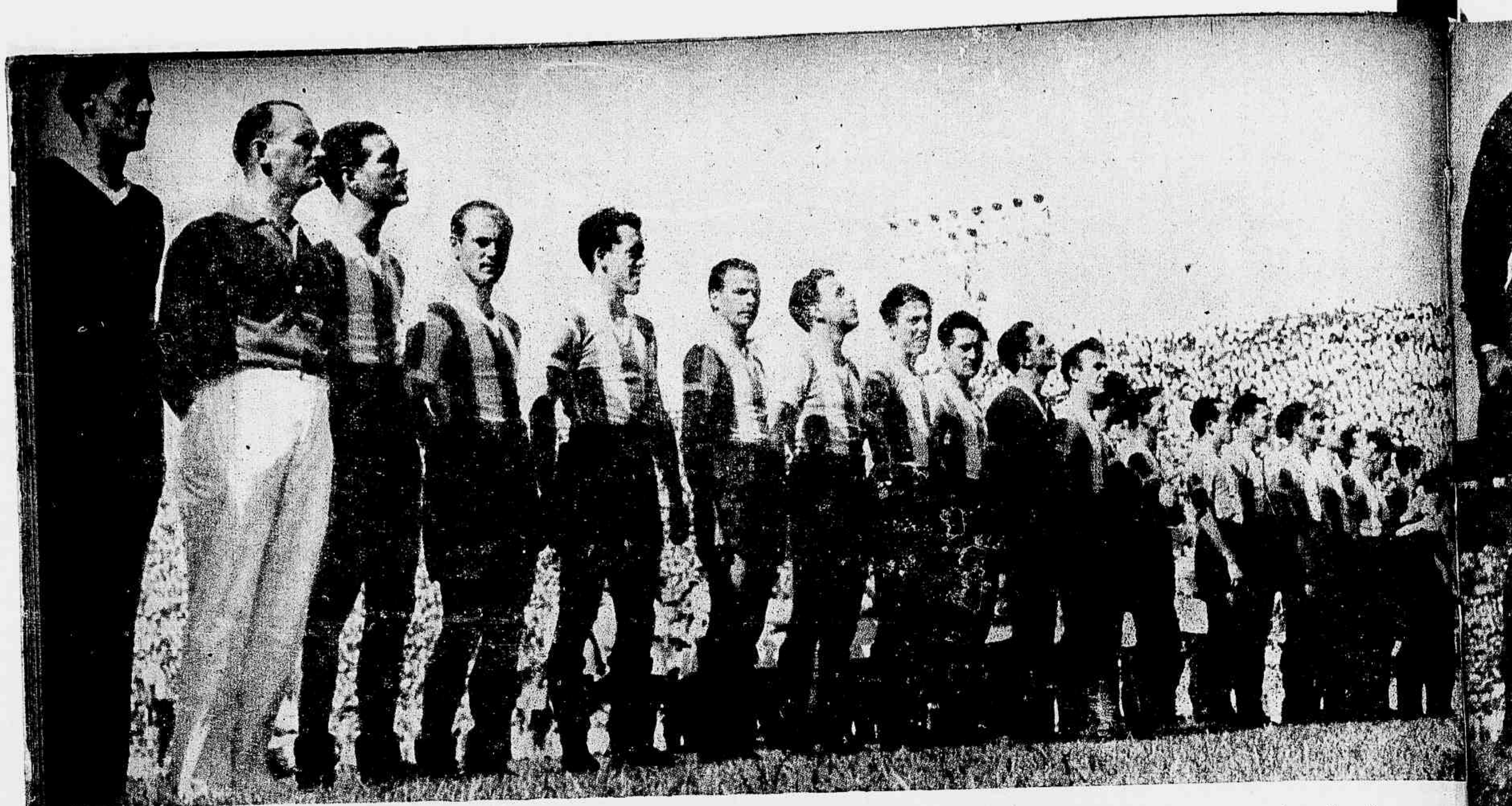


Ainda existem mulheres elegantes que alimentem o velho e rotineiro hábito de prevenção contra o pijama? Sim, existem. Muito mais do que podemos pensar... Em Hollywood mesmo, "estrêlas" famosas, nomes que se ostentam, luminosos e atraentes, na "marquise" dos grandes cinemas do mundo, nutrem a mesma ojeriza herdada das vovozinhas... Mas são poucas, é bom explicar. Esther Williams, da Metro, por muito tempo — de acordo com suas revelações e confidências feitas recentemente a uma jornalista cubana — só aderiu ao pijama depois que se impôs no cinema. "Eu era, até então, uma garota provinciana, e mamãe sempre me dizia que não abandonasse nunca a camisola de dormir"...

Hoje Esther Williams veste-se com esses admiráveis modelos que aí estão, ao alto. Ela prefere pijamas de cores estampadas, bem vivas, as calças sempre de cetim preto — ou de veludo, no inverno — e o "slack" em estampados que realmente devem impressionar, vistos mais de perto. "A arte de vestir na intimidade é muito mais importante do que aparentemente se julga" — acrescentou a artista. "Eu não gosto de me preparar apenas para ser vista pelo público, mas sei caprichar, esmerar-me na 'toilete' também quando me preparo para mim mesma. A mulher elegante não abdica desse direito quando sozinha. Não sei por que deveríamos abdicar, conservando-nos desmaseadas só porque ninguém nos vai ver"...

Aí ficam, portanto, os modelos para a noite, oferecidos por Esther Williams, uma "pijama-girl" por excelência, sendo também, agora, uma das boas "new face" da Metro.

PIJAMA GIRL



Ao alto vemos o "team" argentino que disputou a "negra" da "Copa Roca", com os elementos da reserva, muitos dos quais tomaram parte no jogo. Na página ao lado: o "team" brasileiro, ao alto; em baixo, "cracks" portenhos descansando no intervalo do primeiro para o segundo tempo.

NO BRASIL A COPA ROCA

O grande Ogando, maravilhoso arqueiro argentino, que praticou defesas incríveis, conseguindo salvar o seu arco de situações perigosíssimas. Aqui está êle em ação, pondo a "corner" um pelotão de Heleno, atirado da boca da meta. A linha brasileira não lhe deu folga, mas êle mostrou-se um "keeper" cem por cento.





Está no Brasil a "Copa Roca". O troféu foi disputado desta vez em campos nossos, o que assinala a vantagem da torcida a nosso favor. Mesmo assim, temos a considerar que esta foi uma grande vitória do futebol brasileiro, frente a um esquadrão realmente valeroso, que se atirou à luta com vigor e vontade mas que encontrou sempre pela frente um adversário mais forte e mais bem equipado em técnica e combatividade.

O que houve de realmente notável na "melhor de três" disputada aqui e em São Paulo foi o astronômico número de "goals" assinalados em todos os jogos. Isto, para quem tomasse os "placards" em conjunto, sem acompanhar a "performance" de ambos os quadros, seria o ponto de partida para uma única conclusão lógica: as linhas atacantes estiveram à altura, e as defesas mostraram-se fracas. No entanto tal não aconteceu. A "chance", que é sem dúvida um dos fatores mais decisivos no resultado de qualquer jogo, esteve sempre favorável aos dianteiros de ambos os "teams", abandonando por completo os conjuntos defensivos.

Tal como no jogo anterior, a linha brasileira bombardeou incessantemente o arco contrário, fazendo no primeiro tempo uma excelente exibição, sem contudo abrir a contagem. Só aos 14 minutos da fase complementar, de um "corner" cobrado pelo ponteiro Chico, pôde Heleno vencer o magistral Ogando. Aos 19 minutos, quando os argentinos empataram a peleja, por intermédio de Pontoni, notou-se uma certa morosidade em nosso ataque. A substituição de Heleno por Leonidas — como o inverso no jogo anterior — deu novo ânimo aos brasileiros, que investiram cerradamente, logrando um novo tento, logo seguido de outro, feito por Fonda, contra, ao interceptar um pelotão de Leonidas. Este "goal" foi conquistado poucos minutos antes do cronometrista assinalar o término da luta.

A vitória foi merecida, e maior teria sido o "score" não fôsse a atuação verdadeiramente gigantesca de Ogando, substituto de Vacca, que se revelou um arqueiro extraordinário. Um "keeper" vulgar teria deixado passar pelo menos a terça parte das bolas que ele pôs

a "corner" e que somaram nada menos de vinte e quatro. Que fique também assinalada aqui a "performance" de Ary, que não defendeu tanto quanto o seu rival, pois que o domínio absoluto dos nossos não lhe deu oportunidades.





O que eu amo em você é justamente isso: o seu egoísmo...

I R E N E

Conto de André Maurois

— Estou satisfeita de poder sair com você esta noite. A semana foi dura. Tanto trabalho e tanta decepção! Mas você chegou — já não penso mais em nada. Escute... Vamos assistir a um filme ótimo...

— Não pense que vai me arrastar a um cinema esta noite — disse ele com ar aborrecido.

— E' uma pena; eu tinha tanta vontade de assistir a êsse filme com você... Mas não tem importância. Conheço um cabaré novo, em Montparnasse, onde há um ótimo "show" e...

— Por favor, Irene... Nada de cabarés... Estou farto.

— Que quer fazer, então?

— Você bem sabe. Jantar num restaurante tranquilo, conversar, voltar para casa, estender-me neste divã e sonhar...

— Não! — protestou ela por sua vez. — Você é mesmo demasiado egoísta! Está surpreso? E' que ninguém ainda lhe disse a verdade... Você tem o hábito de ver as mulheres cederem aos seus desejos como se fôsssem

leis... Você é uma espécie de sultão moderno... Seu harém está aberto... Ele se estende por dez países... Mas é um harém. As mulheres são escravas. Se você tem vontade de sonhar, elas devem sonhar com você. Se você está querendo dançar, força é que elas dancem. Se escreveu algumas linhas, elas devem escutar as linhas que você escreveu. Se você quer se divertir, todas devem transformar-se em Scheerazades... Mais uma-vez não, meu caro. Pelo menos eu não me curvarei aos seus caprichos...

Depois de uma pausa ela continuou, com mais brandura:

— Que tristeza, Bernardo! Eu estava tão satisfeita de ver você. Pensei que você me ajudaria a esquecer minhas preocupações. E você me chega pensando somente em si. Vá... Volte somente quando se sentir capaz de não esquecer que os outros existem...



Toda a noite, recostado sem dormir, Bernardo meditou tristemente. Irene tinha razão. Ele era odioso. Não somente a enganava, mas a enganava sem amor. Por que era assim? Por que essa necessidade de conquista e dominação? Por que essa incapacidade de "não esquecer que os outros também existem"?... Meditando sobre o passado, reviu a mocidade penosa, as mulheres inacessíveis. Havia um pouco de vingança no seu egoísmo, timidez no seu cinismo. Não era um sentimento muito nobre.

Nobre? — pensou. Estou no terreno do lugar comum. Era preciso ser duro. Em amor quem não devora é devorado. De qualquer forma, deveria ser um consolo poder, às vezes, ceder, ser enfim o mais fraco, procurar sua felicidade na felicidade de outrem.

Isolados, separados por silêncios cada vez mais longos, os carros passavam pela rua ganhando as garages... Procurar sua felicidade na de outrem? Não podia? Quem o condenara à crueldade? Todo homem não tinha o direito, a cada momento, de recomeçar sua vida? E podia ele encontrar melhor parceiro que Irene para êsse novo jogo? Irene, tão bela e tão pobre! Tão generosa na sua pobreza!

Barulhento, fazendo estremecer os vidros da janela, um último ônibus passou. Agora nenhum ruído quebraria mais o traço contínuo da noite. Cansado de si mesmo, Bernardo procurou o sono. Tinha tomado uma resolução. Consagrar-se-ia à felicidade de Irene. Seria para ela terno, submisso. Sim, submisso. A decisão o acalmou e logo adormeceu.



No dia seguinte pela manhã, ao acordar, ainda estava feliz. Levantou-se e vestiu-se cantarolando, o que desde a adolescência não fazia. "Esta noite irei ver Irene, pensou ele, pedir-lhe perdão".

Ao dar o laço na gravata soou o telefone:

— Alô? — Era a voz cantante de Irene. — E' você, Bernardo?... Escute... Não pude dormir. Estava com remorsos... pela maneira como o tratei ontem à noite. Perdoe... Não sei o que tinha...

— Sou eu, ao contrário, Irene, que... esta noite decidi mudar...

— Que loucura! Não mude. O que eu amo em você, Bernardo, são justamente êsses caprichos, essas exigências: o seu egoísmo. Êsse seu caráter de menino mimado. E' tão doce encontrar um homem que obrigue a sacrifícios... Queria dizer que estarei livre esta noite e que... que não imporei programa algum... Disponha de mim...

Colocando o fone no gancho, Bernardo sacudiu a cabeça tristemente.

C I N E M A

"UM AMOR EM CADA VIDA"

O encerramento da temporada, para a Paramount, fez-se com chave de ouro, mercê da estréia feita com o filme "Um amor em cada vida", nas vésperas de Natal. Pena que a tradução literal do filme não fôsse aproveitada, pois "Cartas de Amor" (Love Letters) seria um título feliz. Tal como foi apresentada em nosso idioma, faz sentir a influência das novelas radiofônicas e de uma série de outros filmes a que anteriormente já assistimos, tipo "Em cada coração um pecado".

Mas deixemos de parte o caso do título para reconhecer que o predado fundamental desse sucesso, agora registrado pela Paramount, cabe de direito à direção. Poucas vezes o senso diretorial terá se manifestado tanto a serviço de uma causa de arte cinematográfica igual à que aí está agora. "Um amor em cada vida" é um atestado vibrante e precioso da grande classe diretorial de William Dieterle, cineasta que agora atinge uma categoria excepcional, embora dêle já tivéssemos assistido a outros substanciais espetáculos de cinema: "O Corcunda de Notre Dame", "Pasteur" e "O Homem que vendeu a alma", para citar apenas três. Observe-se, antes de tudo, a continuidade que jamais é quebrada, a linguagem cinematográfica apurada e o aproveitamento notável dos artistas. Se realmente Jennifer Jones e Joseph Cotten são os heróis dessa jornada de arte, e se na verdade cada um dêles tem sua personalidade e seu valor inegável, ela desde "A Canção de Bernadette" e êle desde "Cidadão Kane", não menos verdade será reconhecer que a classe maior e melhor de seus papéis deve-se a mr. Dieterle.

Mas observem ainda o maravilhoso aproveitamento das "cameras", que parecem envolver os personagens, em rasgos e investidas por demais indiscretos, como que procurando tomá-los de assalto e devassar-lhes

o íntimo. E' admirável o trabalho fotográfico de "Um amor em cada vida".

Quanto ao argumento, sim, êle tem sua grande dose romântica e, embora partindo de um ponto de referência já explorado em cinema — as cartas de amor — ainda vez alguma essa idéia fôra tão bem desenvolvida. Eis por que devemos voltar a reconhecer que o filme com o qual a Paramount encerrou a temporada de 45 fez-se credor da nossa simpatia e do nosso incondicional aplauso. Por pouco não estaríamos em face a um acontecimento excepcional de cinema. Ainda assim, êste pode e deve ser incluído entre os realmente bons filmes de uma temporada. — C.

COTAÇÃO: 3½.

Os cines Metro (Copacabana, Tijuca e Passeio) instituíram, na noite de 31 de dezembro, uma novidade: duas sessões depois do horário costumeiro, a primeira à meia-noite, a segunda às duas da madrugada. Se a moda pega, mais algum tempo e os cinemas funcionarão dia e noite. Podem mesmo abolir as portas, qual o Café Lamas.

★

Alguns grandes nomes de Hollywood, segundo se anuncia, visitarão o Rio proximo. Lana Turner, porém, não mais virá dia 15 de janeiro. Seus filmes sofreram atrasos e ela ficará presa aos estúdios até mais ver.

★

O ano de 46 começou bom de verdade para os "fans". Filmes de Greer Garson ("O vale da decisão"), de Jennifer Jones e Joseph Cotten ("Um amor em cada vida"), de Bette Davis ("O coração não envelhece") foram estreitados quase simultaneamente. E veio ainda "Você já foi à Bahia?", que havia ficado nas prateleiras da RKO depois da inauguração do Parisiense.

JENNIFER JONES e JOSEPH COTTEN, intérpretes centrais de "Um amor em cada vida"



A revelação de 1945: PAULO FORTES

PAULO FORTES

Foi Oscar Rocha quem chamou minha atenção para um jovem barítono cujos discos estavam fazendo grande sucesso. Lá mesmo, em "O Pinguim", onde preside a uma roda de músicos, êle observou:

— Tem uma bela voz... Grande futuro.

E disse, também, que o rapaz andara acertado na escolha dos trechos. Uma gravação da canção do aventureiro, de "O Guarani", que há muito tempo era difícil de se obter, teria um sucesso garantido.

Coube a Gabriella Bezanson apresentar, mais tarde, Paulo Fortes, que, estreando êste ano no Municipal, constituiu a maior revelação de 1945. Há muito tempo que devemos aos esforços de Bezanson os principais elementos novos da nossa cena lírica. Desde que abandonou o palco a famosa cantora tem se dedicado ao ensino, amparando com carinho as vocações de seus alunos. Violeta Coelho Neto de Freitas surgiu sob os auspícios de Bezanson, e foi com auxílio desta que conseguiu o maior sucesso de sua carreira: uma admirável interpretação de "Madame Butterfly". Mais tarde, um outro soprano apareceu numa récita especial oferecida pela Cultura Artística: Maria Helena Martins triunfou logo de início. Maria Augusta Costa, que pisou o palco pela primeira vez na mesma ocasião, foi a Gilda consagrada num magnífico "Rigoletto", ao lado de Leonard Warren e Charles Kullmann.

Tôdas essas jovens artistas foram lançadas com sucesso e fazem, hoje, uma carreira brilhante, que depende, em grande parte, da orientação inicial que receberam.

Paulo Fortes foi o mais recente. Escolhendo o papel de Jorge Germont para a estréia, êle demonstrou, novamente, o seu discernimento. Há, na música dedicada ao personagem, ampla oportunidade para a demonstração de seus recursos. Ao mesmo tempo, não há nada de excepcionalmente

fatigante. Assim, êle pôde ensaiar os primeiros passos em veículo seguro, de bastante responsabilidade.

Voz cheia e redonda, bastante extensa, agradou plenamente, tendo merecido do público estrondosa ovação. Creio mesmo que, recentemente, só artistas como Jennie Turel, Stella Roman ou... Leonard Warren mereceram aplausos tão prolongados e tão entusiásticos. Mas não quero expor Paulo Fortes a uma comparação perigosa com um artista de longo tirocínio e da tempera de Warren. Tudo nos leva a prever para o jovem brasileiro um futuro brilhantíssimo. No momento da estréia, cabem mais o louvor e o incentivo do que uma crítica propriamente. E' evidente que Paulo Fortes não compareceu para colher os resultados máximos: há, ainda, imperfeições, que êle irá corrigindo à medida que adquirir maior desembaraço, na parte cênica como na parte vocal.

Devemos contudo, e principalmente, congratular-nos com a mestra, que deve estar orgulhosa verificando que foram profícuos os seus esforços. O aluno não desmereceu.

Roberto Lyra Filho

A propósito de discos... Disse a Patti ao ouvir, pela primeira vez, uma gravação sua:

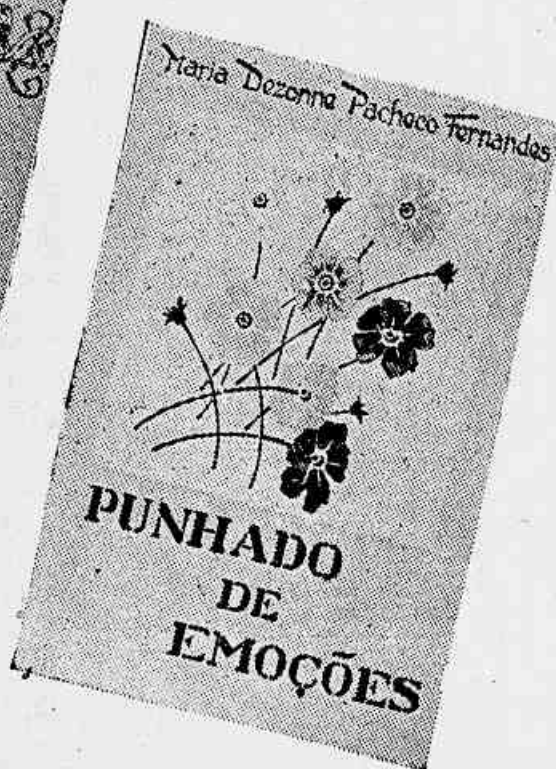
— Agora, sim, compreendo por que me admiram tanto...

M U S I C A

"Às mulheres de minha Terra ofereço êstes dois livros, escritos pelo Coração e para o Coração — SACRIFÍCIO DE MÃE, romance, PUNHADO DE EMOÇÕES, poemas em prosa."



Maria Dozanne Pacheco Fernandes



À venda nas
boas livrarias.

Livros

TIRE A MÁSCARA, DOUTOR! Romance de Lídia Monserrat — Irmãos Pongetti, editores
— Rio de Janeiro, 1945.



Lídia Monserrat é pseudônimo. Trata-se duma doutora em medicina que resolveu fazer um romance ou duma romancista de vocação e por gosto a quem circunstâncias da vida levaram a formar-se em medicina... Não sabemos. Talvez a própria autora de *Tire a máscara, doutor!* o não saiba ao certo. A verdade é que as duas condições: de cirurgiã e de escritora se aliam nestas páginas a ponto de se confundirem, e realmente não poderia uma delas, sem a outra, prevalecer. Sem o curso médico e sem alguma prática de sala de operações, não conseguiria Lídia Monserrat descrever tecnicamente a maior parte dos episódios que se sucedem nos cinquenta pequenos capítulos da obra; mas também os elementos adquiridos na Faculdade e no hospital lhe não permitiriam, por si sós, dar à obra presente os requisitos de beleza e sensibilidade que a animam. Para este segundo efeito, imprescindível se tornava a tendência do literato, do artista. E foi graças a tal combinação que o livro saiu curioso e cativante.

E' um romance, por assim dizer, sem ação. Não chega a haver nêle o chamado fio de enredo. A autora organizou uma série de casos cirúrgicos, para nos mostrar alguns mestres de bisturi, com as respectivas capacidades, orientações, temperamentos, bem assim as manias, os vícios que os afligem e, perante o nosso critério ou a nossa emotividade, os erros e os crimes que eles são suscetíveis de cometer. E' um desfile deveras interessante, em que entram a paixão profissional, o orgulho agressivo, o idealismo humanitário, e cabotinismo, a ânsia de conquistar a nomeada e a fortuna. De vez em quando, um tipo nos surpreende a tal ponto que o declararíamos falso se não fôra a noção dominante de que a autora, oficial do ofício e relacionada com o meio em questão, raramente iria que não tivesse observado ou não estivesse dentro da verdade geral. Assim um operador célebre, "um dos maiores do Brasil de todos os tempos", se torna, enquanto trabalha, de extrema grosseria para com assistentes e enfermeiras, e a uma destas, em castigo de qualquer descuido ou desase, manda apresentar a cara, para lhe atirar um trecho de intestino acabado de retirar do paciente... Outro cirurgião famoso não consente que, durante o seu trabalho, as operadas gritem ou chorem, ameaçando-as de lhes "quebrar a cara", e a uma enferma — uma entre muitas, naturalmente — sem coragem bastante para conter os queixumes, dá uma bofetada tremenda, que talvez a assassine, porque a criatura vem a morrer... da operação. Cenas destas alternam com passagens ligeiras, diálogos mais ou menos alegres. Um dos médicos faz versos, assim como a protagonista anda a escrever um romance. E a história que Lídia Monserrat imaginou termina quando a tal heroína, médica recém-formada e praticante de cirurgia, obtém um emprego rendoso, graças ao clássico pistão. Quanto ao caso sentimental em que ela mais ou menos se mostrou envolvida, fica sem solução, e assim nós podemos concluir o romance por nossa conta, o que é um sistema seguro para não condenarmos o desenlace.

A SABEDORIA DA CHINA E DA INDIA, autologia organizada e prefaciada por Lin Yutang, tradução de doze escritores brasileiros — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.

O filósofo e comentarista chinês Lin Yutang, já hoje bem conhecido e admirado no Brasil, realizou, com as matérias contidas nas mil e quarenta páginas deste volume, uma tarefa deveras notável de divulgação e esclarecimento. Certos capítulos tinham já constado de livros anteriores de sua autoria ou organização. Deste novo empreendimento resultou uma obra seguida, sistematizada e, se tal adjetivo se pode em análogos casos aplicar, completa. E' um florilégio da mais variada essência em todas as gêneros e variantes de expressão. Aqui se encontram, desde a forma primitiva até aos modelos mais esmerados, a História, a Poesia, a Filosofia, as meditações e louvores religiosos, a novela, o conto, a fábula, a lenda e a fantasia sem propriamente fabulação, a pastoral e o idílio, a ironia, a sátira e a simples anedota. Boa parte do livro se compõe de máximas e pensamentos morais. Desse manancial inesgotável se nos deparam pequenas lições sem conta, que já conhecíamos, transladas do texto original ou, pelos tempos aquém, mais ou menos modificadas, e bem assim conselhos e advertências sem conta, que nos dão a impressão de inéditas ou nunca aproveitadas. E' a Sabedoria dos Séculos de duas raças e duas literaturas.

As duas partes da obra assim se subdividem: Piedade indiana, Imaginação indiana, Humor indiano, Budismo, Misticismo chinês, Democracia chinesa, O caminho do meio, Poesia chinesa, Esboços da vida chinesa, O espírito e a sabedoria chinesas, Há vários apêndices explicativos. E entre as traduções erudita e engenhosa se destaca a realizada pelo Sr. Ary de Mesquita, em decassílabos brancos, do poema de Edwin Arnold *A luz da Ásia*, e cujo primeiro canto assim começa:



Eu vou cantar o Salvador do mundo,
O grande Buda — o príncipe Siddhartha.
Tal e qual lhe chamaram nesta vida —
Sobre a terra, nos céus, e nos infernos,
O incomparável, o piedoso, o sábio,
O ensinador da Lei e do Nirvana.

Para os homens salvar dos seus pecados
Ele nasceu de novo entre êsses homens.

Sob a mais elevada das esferas
Estão sentadas quatro divindades
O mundo dirigindo; um pouco abaixo,
Inda, porém, altíssimo, se encontram
Puros espíritos que aguardam calmos
Trinta mil anos para renascer.
Cinco sinais então foram notados
Que indicam nascimento, e assim os deus.
Que os conheciam, logo proclamaram:
"Buda vai outra vez surgir no mundo".

E sua voz então falou: "Ao mundo
Eu voltarei ainda, porém este
Será meu último renascimento,
E para mim e aqueles que me seguem

Deixa de haver o nascimento e a morte.
Vou descer entre os Sakias, que demoram
Nas vertentes dos montes do Himalaia.
Onde vive um bom povo e um justo rei".

Dara
TER LÁBIOS TERNOS,
DOCES, NÃO HÁ COMO

Michel

...o baton que oferece
muito mais que outros!

★ Torne sua boca adorável com as cores vibrantes do baton Michel... e verá que efeito tão delicado e sedutor ele produz! Michel faz muito mais do que se pode esperar dos batons comuns. Sua base de creme é realmente benéfica para os lábios, conservando-os ternos e suaves, sem escorregar e sem aparência oleosa. Além disso, como Michel adere por muito mais tempo, conserva o encanto dos lábios e da fisionomia durante horas e horas.

11 TONS SEDUTORES
MARIPOSA • AMAPOLA
RASPBERRY • VIVID
AMARANTH • SCARLET
CHERRY • BLONDE
CAPUCINE
CYCLAMEN • BRUNETTE

BATON
Michel
Michel Cosmetics, Inc. - New York

Nova

O SANTO DO DESERTO (A VIDA DE CHARLES DE FOUCAULD) por Maroquinha Jacobina Rabello Livraria Agir, editora — Rio de Janeiro, 1945.



Charles de Foucauld tenente Foucauld, Irmão Maria-Alberico, finalmente Padre Charles de Jesus não foi canonizado. Mas a Sra. Maroquinha Rabello o classifica entre os ornamentos da Corte do Céu e faz muito bem. Depois de lhe haver acompanhado a vida, convenceu-se de tal seu nome não ficaria descabido no *Flos Sanctorum*. Em verdade, essa vida foi bela e edificante.

Começou, no entanto, bem hedionda e desprezível. Como tantos homens que se haveriam de tornar mais que justos, supremamente exemplares — e sempre a este respeito será lembrado o glorioso S. Francisco de Assis — Charles de Foucauld apareceu notoriamente na vida como se o conduzira a própria mão do demônio. Péssimo eclegial avesso ao estudo, rebelde a toda disciplina e toda compostura, entrou mais tarde para a famosa Escola de Cavalaria, de Saumur, da qual foi expulso. Não ficou por isso inebido da carreira militar. Como 2.º tenente de Caçadores foi servir em Pont — á Mousson e depois seguiu com o seu regimento para a África. Em 1881 fez a campanha contra os insurretos do sul do Ouran. E eis que o militar desordenado, escandaloso, sempre á beira do banimento decisivo e até da excentração, se converte em

oficial de verdadeira bravura e correção exemplar.

Terminada a campanha e sendo-lhe negada licença para uma viagem de estudo por aquelas regiões, Foucauld demite-se e empreende por sua conta e risco a exploração do território de Marrocos. Através de mil astúcias e desfares, vencendo todos os perigos, realiza a sua missão e, de volta á França, publica um livro notável: *Reconnaissance au Maroc*. Mas, inerente até essa fase da existência, subitamente, por assim dizer, o possui a ansiedade de saber ao certo se deve ter fé e em quê. Procura um sacerdote de alta reputação; vai encontrá-lo no confessionário; e a ele se dirige, dizendo-lhe que não acredita em coisa alguma e pedindo-lhe que o esclareça. O ministro de Deus manda-o ajoelhar, confessar-se. Foucauld resiste ainda um momento: Mas não é isso que me traz aqui; eu não acredito em nada! A nova exortação, porém, cai de joelhos confessa-se; sente-se possuído duma verdade e uma luz novas — e assim se forma a sua grande alma religiosa. Charles de Foucauld entra para a Tropa, em Notre Dame des Neiges, e aí toma o nome de Irmão Maria-Alberico. Volta para a África, em caráter e missão bem diversas dos dos que levou da primeira vez. A sua obra de catequese e de regeneração nas terras bárbaras da Argélia torna-se admirável de coragem, paciência e abnegação. Liberta escravos, converte déspotas e algozes; e, para socorrer os necessitados, se sacrifica, dando-lhes aquilo que outro homem, um simples homem, consideraria a si próprio indispensável. Arimado também de sentimento da arte desenha imagens piás de singela mas sugestiva formosura; poeta, traduz em bom metro e boa rima versos do tuareque e do tamacheque — que a Sra. Rabello agora nos oferece, vertidos para o português; filósofo, compõe numerosas reflexões e sentenças, repassadas de bondade e de misticismo. Em recompensa dos seus esforços e dos seus sacrifícios, adquiridos a certeza da felicidade completa: "Sou o mais ditoso dos homens; nada me falta". Em numa alerta dos bárbaros insurretos que o haviam feito prisioneiro, é morto com um tiro.

Tal, em suas linhas gerais, a história que a Sra. Maroquinha Rabello nos conta nestas seto e sessenta páginas de fácil e sempre agradável leitura.

* * *

COMO TORNAR-SE ATRAENTE, reflexões e conselhos de Joan Bennett, tradução de Gilda Marinho — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



Por via de regra, os artistas de nomeada excepcional no teatro ou no cinema acabam publicando um livro.

Livro de memórias, na maior parte dos casos. Atrizes e atores entendem que a sua carreira oferece episódios absolutamente sensacionais. A seu próprio ver, aconteceram-lhes coisas que só a eles estavam reservadas. As extraordinárias lutas que travaram e as vitórias que peregrinamente obtiveram constituem exemplos da eloquência mais salutar. E só á força de gênio inspirado e prodigioso esforço se poderiam alcançar aqueles pináculos da glória do palco ou do *écran*. Assim estrelas e azes, a pretexto de autobiografia, compõem, em duzentas ou trezentas páginas, a própria apoteose.

Outros autores desta especial categoria preferem dar obras rigorosamente técnicas. Vêm proporcionar aos artistas jovens e até aos já feitos e consagrados, orientações e processos que forçosamente lhes serão proveitosos... Inventaram regras de interpretação e métodos realizadores nunca, até então, imaginados... Fazem de conta

que a lição do Hameet aos comediantes — se realmente a conhecem — nada representa, de básico, de clássico, para ficar pelos tempos fóra... Estabelecem princípios inéditos futuras normas decorrentes da sua própria maneira de representar, certos como estão de não haver dali por diante moço ou velho que os não imite, perpetuando o seu prestígio aos olhos do público e persuadidos igualmente de que a, salas de espetáculos jamais os esquecerão... E o mais interessante do caso é que nestes livros, só a assinatura passa por insuspeita e a tudo o mais se atribue a autores anônimos: repórteres sem a preocupação da fama literária; romancistas sem editor no momento ou, para o caso, largamente remunerados; críticos generosos até ao sacrifício quando levados por motivos sentimentais — em todo caso, escritores de verdade.

Será a Sra. Joan Bennett, em pessoa, uma escritora de verdade? Temos o direito de o acreditar e bem assim de o proclamar neste registro, até prova em contrário. A estrela que tanta graça empresta ao firmamento cinematográfico fica sendo doravante para nós uma espécie de camarada, á qual de bom grado daríamos e da qual sebetudo desejariamos receber um tratamento mais ou menos fraternal. Num estilo sempre claro e conciso — e que a Sra. Gilda Marinho habilmente transpõe — ministra ás outras mulheres os ensinamentos necessários para se imporem á admiração dos homens, das diversas maneiras como eles a costumam manifestar. Dir-se-ia que, para aquê resultado qualquer mulher sabe empregar, com toda a eficiência passível, os seus elementos naturais. A Sra. Bennett pensa, porém, de modo diverso. Acha que as mais bem dotadas em tal sentido precisam de aprender alguma coisa. E trata de tudo lhes ensinar. Desde os recursos de toucador e passando pelas particularidades do vestuário, vai até ás práticas mundanas e da vida comum: passeios, companhias para o teatro e o cinema, conversações e correspondências, fins de semana a dois etc. E' a educação completa no sentido de as mulheres agradarem aos homens, sem perigo nem maior inconveniente — para elas próprias. E quanto aos homens, diremos nós, que saibam escolher é decidir que se acutem e defendam, que se arranjem, como puderem!

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Chegou de Londres

LONDRES. (H. P.) — Já chegou ao Brasil o reputado e esperado tratamento Okasa. — Okasa é hoje uma medicação de escolha universalmente reconhecida pelo seu alto valor terapêutico e pela sua eficácia indiscutível. — Okasa á base de Hormônios vivos, extratos de glândulas sexuais e Vitaminas selecionadas, combate vigorosamente todos os casos ligados diretamente a perturbações das glândulas genitais e do aparelho sexual como: Fraqueza sexual na idade avançada ou por outro motivo, no moço, senilidade precoce, perda de energia, fadiga, fraqueza mental etc., no homem.

— Frigidez, irregularidades ovarianas, idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, tôdas essas deficiências, de origem glandular, na mulher. Okasa encontra-se á venda nas boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Distribuidor geral: Produtos Arna, Av. Rio Branco, 109 - Rio. Okasa, importado diretamente de Londres, proporciona Virilidade, Fôrça e Vigor com as drágeas "prata" para homem — Feminilidade, Saúde e Beleza com as drágeas "ouro" para mulher.



A REVISTA EM HOLLYWOOD

BETTE DAVIS NO MEXICO — O governo da cidade do Mexico distinguiu a "estrêla" da Warner com uma artística medalha, denominada "Francisco Doria Paz". E para recebê-la miss Davis foi ao Mexico, mostrando-nos a gravura acima a "estrêla" examinando o prêmio que lhe foi concedido pelos "fans" mexicanos.

A MEDALHA DE HONRA — Aqui está a medalha oferecida pelo Conselho Consultivo da Cidade do Mexico a Bette Davis, mostrando na gravura o verso e o averso. A entrega foi precedida de uma solenidade realizada no Teatro Chapultepec, com a presença das principais autoridades mexicanas e o público.

NO TEATRO CHAPULTEPEC — A cerimônia realizou-se no dia 6 de dezembro último, aparecendo em cena a homenageada ostentando a bandeira mexicana. Miss Davis foi apresentada por um grupo de artistas do Mexico, na qualidade de convidada de honra por parte do governo. A atriz Maria Félix, por sua vez, surgiu em cena com a bandeira norte-americana. Bette Davis dirigiu a palavra ao público, falando pela primeira vez em castelhano — e todos entenderam!



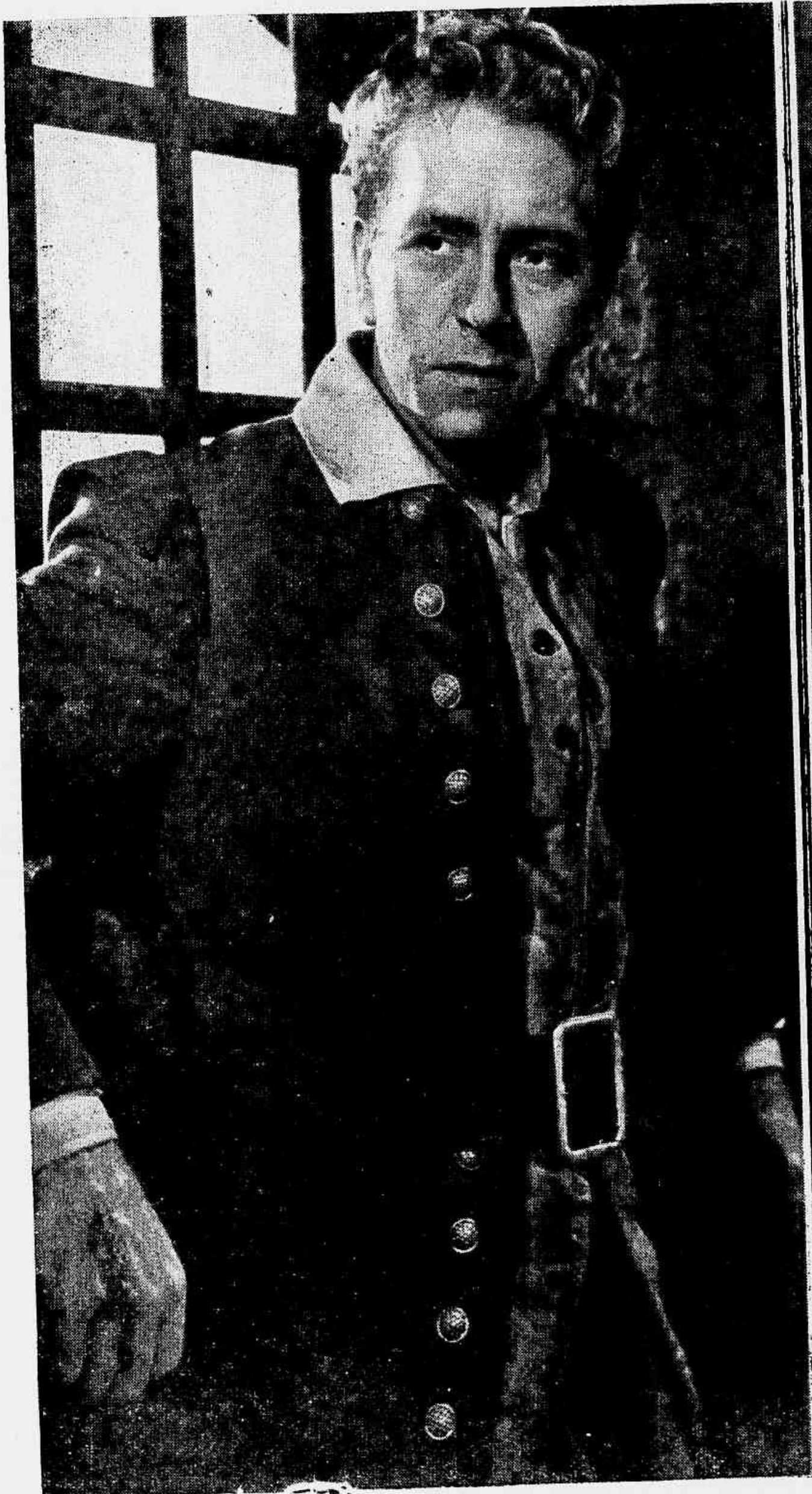


CANTINFLAS CUMPRIMENTA MISS DAVIS — O famoso cômico mexicano, hoje aproveitado pelo cinema de Hollywood, compareceu à grande cerimônia de 6 de dezembro na capital de sua pátria e ali teve ocasião de saudar a sua ilustre colega. Na mesma noite foi estreado seu mais recente filme, "O coração não envelhece".



HOMENAGEM AO SOLDADO DESCONHECIDO — Horas antes da solenidade, Bette Davis fez a visita da praxe ao monumento do Soldado Desconhecido do México, cuja sepultura é instalada junto ao palácio da Independência. Na gravura, a "estrela" depositando uma coroa e posando para os fotógrafos e cinegrafistas.

A VOLTA DE PAUL HEINRED — Depois de prolongada ausência, quando se admitia que o protagonista de "Casablanca", depois da guerra, não filmasse mais em Hollywood, eis-lo que volta aos estúdios, posando, com Maureen O'Hara, o papel central de "The Spanish Main", na RKO. Aqui estão as primeiras cenas desse filme, vendo-se, na gravura inferior, à direita, os dois artistas. Trata-se de um filme de aventuras, altamente romântico.



CONCERTO DE NATAL

D. PLÁCIDO DE OLIVEIRA

O mosteiro de S. Bento oferece ambiente ideal para um concêrto de órgão, principalmente quando este se realiza nas vésperas do Natal. A quietude religiosa que paira no ar, a grandiosidade que se desprende das paredes majestosas ornadas, o seu todo imponente e, ao mesmo tempo, meditativo aparecem aos olhos do observador como uma visão transcendental, contrastando vivamente com o meio exterior. Lá fora é a vida transitória do dia que morre; dentro, a eternidade da fisionomia serena de Jesus. O meio obriga à contemplação e arrasta o espírito, que parece se desprender da vestimenta carnal, à procura insaciável de uma emoção desconhecida — o sabor do infinito.

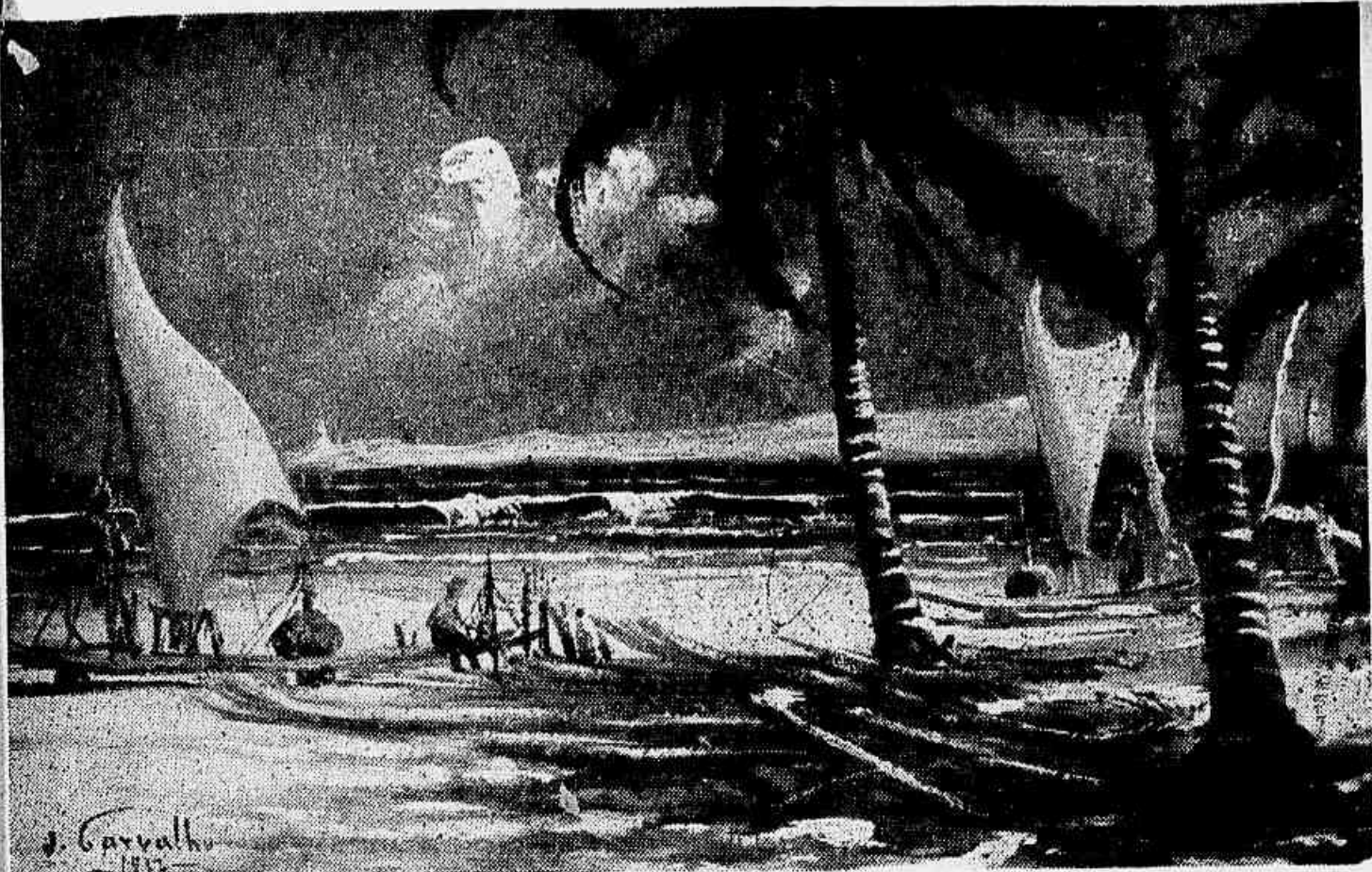
D. Plácido de Oliveira é um organista por demais conhecido no Brasil. No entanto nele, além do executante, aprecio o compositor. Sua "Cantilena de Natal" foi, das peças apresentadas, uma das que mais agradaram. Descreve um diálogo na gruta de Belém. Antes do nascimento de Jesus, o estábulo está envolto numa nuvem de sonhos que recobre também o primeiro trecho da música. Depois nasce o Salvador, e enquanto surge um mundo diferente, de que a fé é o agente propulsor e o amor ao próximo o alicerce, Maria e José dialogam. Aproximam-se os pastores. É o mesmo tema que eles cantam, porém mais fortalecido, mais intenso, num hino grandioso de glorificação ao Creador.

Diante da assistência, o Sagrado Coração dominava o ambiente. No seu olhar doce, enérgico, se reunia um poder estranhamente magnético que atraía ao misticismo, e quando se fixava sua imagem o mosteiro parecia perder a solidez, transformando-se em miríades de centelhas de ouro que o cercavam, como auréola cintilante. Nesse mundo todo espiritual, os sons profundos e penetrantes do órgão se fazem ouvir e cada um deles é um acréscimo ao poder meditativo do espírito. A alma se fortalece com a larga sonoridade que atinge nossos tímpanos mas se reúne no nosso coração.

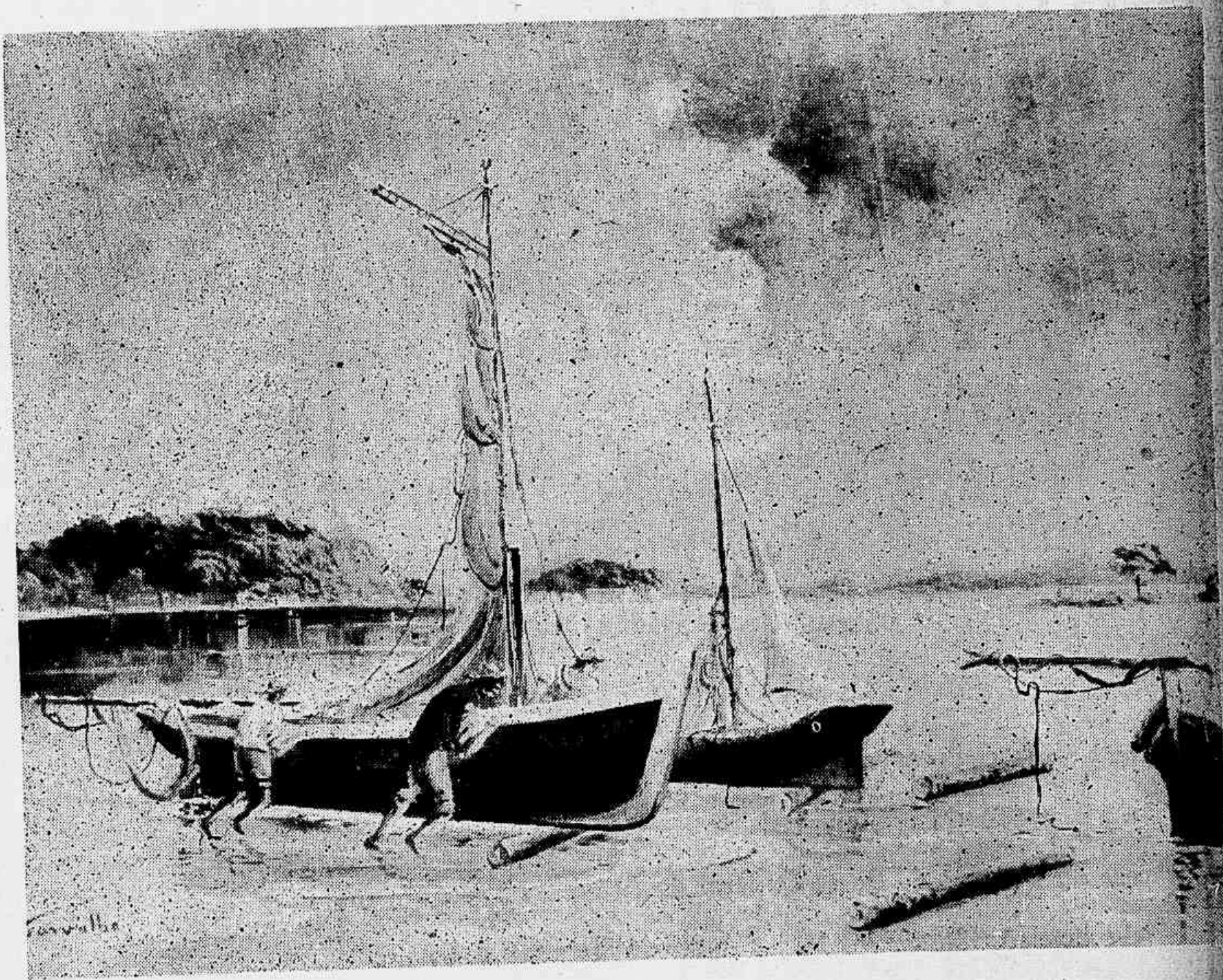
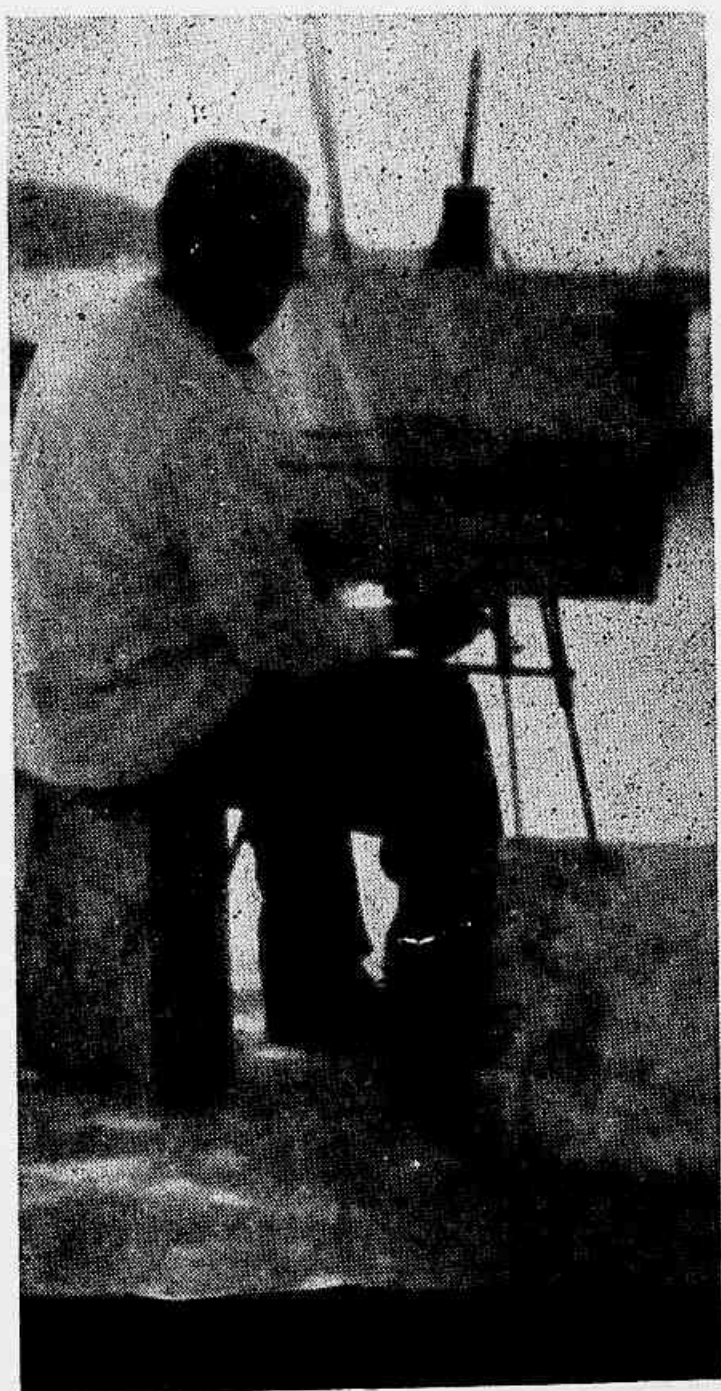
"Marcha dos Reis Magos", de Dubois, "Pastorale" de Fedeli; "Dans la Crèche et adoration",

(Continua na pág. 47)

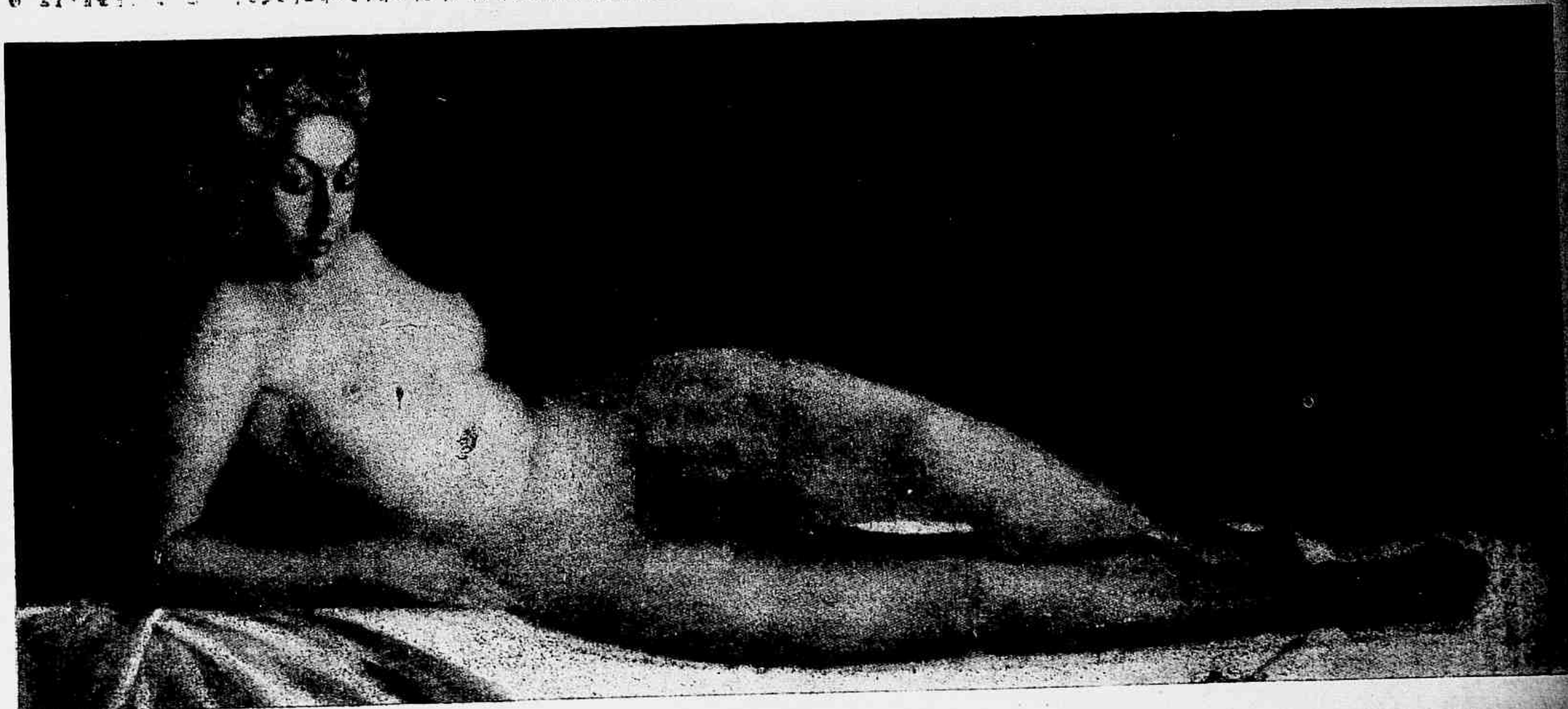
Órgão da Coroa, do mosteiro de São Bento, ali instalado ainda nos tempos do Império e sofrendo, neste momento, uma série de restaurações.



Realizar-se-á brevemente em Montevidéu a exposição do pintor cearense J. Carvalho, que recentemente expôs os seus quadros em Curitiba, tendo obtido na Capital paranaense um sucesso invulgar. Paisagista de mérito, o artista patricio especializou-se em marinhas, tendo apresentado ao público grandes óleos nesse gênero. No "cliché" acima vemos duas telas d'esse artista, a serem exibidas na Capital uruguaia: à esquerda, "Farol do Mucuripe"; à direita, "Uma Fazenda em Maranguape". No centro da página aparece o pintor quando esboçava uma marinha e o seu trabalho denominado "Praia das Môças".



Encontra-se aberta ao público na Galeria Irapetininga, na Capital paulista, a exposição de pinturas de Barros o Mulato, artista já consagrado como um de nossos melhores retratistas. Barros, que até agora se dedicara quase exclusivamente ao "crayon" e ao pastel, vem de apresentar ao público paulista vários óleos de grande valor, dentre os quais destacamos o nú cuja fotografia reproduzimos abaixo.



ARTES PLASTICAS

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, anunciando nos:



ALTO-FALANTES LOCALIZADOS NA ESTAÇÃO D. PEDRO II,



por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e
na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servido-
res da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar
da Estação D. Pedro II), Francisco Bicalho e Ofi-
cinas do Engenho de Dentro em irradiação feita
simultaneamente.



INFORMAÇÕES:

SERVIÇO DE TURISMO E PUBLICIDADE DA
ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL
7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II,
salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

UMA RECEITA

Para conservar ou aperfeiçoar a beleza, o primordial é levar a sério essa tarefa.

Nada de concessões à gula, ao "cock-tail", nem às diversões. Há mulheres que vivem se preocupando com sua beleza mas, sem se aperceberem, fazem tudo para afastá-la. Crêem que a simples aplicação de um creme ou loção resolve tudo. Que nos adiantará aplicar à pele um adstringente se pela boca a presentearmos com uma descarga de banha? E o que poderá o creme contra uma pele ressecada, se não lhe damos oxigênio e sangue com passeios e exercícios ao ar livre?

A conservação da beleza é como uma religião. Habi-tuar-se, não a um tratamento mas sim a um verdadeiro re-gime. E seguí-lo em toda a linha, como se se tratasse de uma prescrição médica.

As que forem excessivamente magras devem engordar. As demasiado gordas emagrecer. É claro que, para qual-quer caso, devem submeter-se a regimes alimentares e de repouso que se refletem sobre a saúde, principalmente sobre a saúde da pele. O excesso de alimento, bem como a falta dêste, repercute em qualquer pessoa. O regime, pois, de-verá ser estudado cuidadosamente.

Deve-se ter em conta também a natureza do clima, pois o ar frio, o vento, do mesmo modo que o calor, prejudi-cam muito a cutis. A mulher deve então proteger-se de tudo que possa causar dano à sua beleza no meio em que atua, estudando-o e estudando a si mesma.

O requinte é uma das características da mulher essencialmente encantadora. O apuro, o extremo cuidado consigo mesma, eis o que completa o "charme" de uma criatura. Aqui temos Leslie Brooks, da Columbia, "maquillando" as pernas. Este é um gesto de refinadíssima elegância.



DE BELEZA

Antes de mais nada, deve conseguir o tipo equilibrando a saúde. Daí então passar às pequenas tarefas de "maquillage", correção das feições e traços fisionômicos. Já vêem, pois, que não é muito fácil ser bela. E' preciso sacrificar tudo que for necessário pela própria beleza. E vocês acham isto muito difícil?

Talvez, mas tôdas nós as mulheres sabemos que é muito pior a feiura, e devemos fazer até sacrifícios para nos tornarmos belas.

As manchas da mão desaparecem com sumo de limão, que pode conservar-se durante bastante tempo acondicionando-o em um vidro, tendo o cuidado de enrolá-lo bem e deixá-lo em lugar fresco.



E' também muito recomendável acrescentar na água em que vão ser lavadas as mãos, um pouco de bórax de amoníaco.



E' preciso também usar a ginástica das mãos. Tôdas as manhãs, ao despertar, movimente bastante os seus dedos, agite as suas mãos em gestos de bailados, fazendo-as girar algumas vezes, esticando e encolhendo as falanges, e isto conservará a mocidade das suas mãos e concorrerá para acentuar a beleza e a graça dos seus gestos.



Trate de suas mãos. Elas refletem a sua idade, o seu apuro e a sua elegância.

Para trazer as mãos livres de toda a transpiração, devemos esfregá-las duas ou três vezes por dia com uma mistura de cem gramas de tintura de benjoim.



"Esperem e verão..."
retruca o

Inimigo Invisível!

Quando o "Inimigo Invisível" se põe a trabalhar, a beleza corre perigo. Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Sua ação pode causar a cárie dentária. Escove os dentes pelo menos duas vezes por dia com Creme Dental Squibb, que é algo mais do que um simples dentífrico. Contém

Leite de Magnésia Squibb — ingrediente cujo contato concorre para a neutralização dos ácidos.

O Creme Dental Squibb não só limpa os dentes com segurança e eficiência, mas... é uma delícia usá-lo! Você há de gostar do seu sabor refrescante, adorável! Peça hoje mesmo Creme Dental Squibb.



CREME DENTAL
SQUIBB



JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club Brasileiro deu continuação brilhantemente às suas atividades de 1945, com a realização dos "meetings" turfísticos de sábado e domingo últimos. A seleta assistência que ocorreu àquelas reuniões turfísticas bem demonstra o progresso sempre crescente do nobre esporte na terra carioca. São dessas brilhantes reuniões os instantâneos que ilustram esta página.



ESCRAGNOLLE DORIA

ALBERTO RANGEL

A CABA de morrer em Nova Friburgo, discretamente como vivera, Alberto Rangel, o escritor de vida tão proveitosa às nossas letras. Delo dois livros são dos que ficam: *Inferno Verde* e *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*, obras de genero diferente. E ficar é tudo para um escritor.

Alberto Rangel entrou na vida como dela sahio, ardoroso e altivo, com horror á injustiça e á hipocrisia, e de voto ao trabalho.

Tendo de seguir carreira preferio a das armas, aliás inconsonante com o seu temperamento vibratil pronto para as reacções insopitaveis.

Entretanto no fim do Imperio, em Fevereiro de 1888, eil-o aluno da Escola Militar da Praia Vermelha.

Ingressar em escola de qualquer gráo de ensino é logo seleccionar condiscipulos para o ajuntar-se por se parecer.

As afinidades guiando escolhas, Rangel entre colegas da Praia Vermelha tinha de apartar aqueles cuja convivencia mais desejaria de continuo.

Quando escritor de pulso, Rangel aos seus mais dilétos companheiros da Escola dedicaria uma pagina de saudade, tambem de recordação á Escola Militar onde o general Polidoro tanto encarnava a Disciplina.

Tres colegas haviam sido caros a Rangel, como el todos os tres de amor ás letras, Dias da Rocha Filho e Ezequiel Freire já poetando, Euclides da Cunha cultivando o verso, para que de futuro o consagrasse a sua endeosada prósa.

Dias da Rocha e Ezequiel Freire, deixando a Escola Militar, buscaram a Faculdade de Direito de São Paulo e nela se formaram.

Na Praia Vermelha permaneceram Rangel e Euclides, este tendo de sahir da Escola após espetaculoso incidente na presença de ministro da Guerra.

Rangel continuou estudos na Escola, segundo ele "menos caserna que ninho". Em 1929, ao desfiar recordações, diria Rangel que "para evocar o valor mental e a integridade moral do magisterio da antiga Escola bastaria lembrar Antiocho, Chagas Doria, Taunay e Amarante."

Perfeito quasi decenio de estudo, achou-se Rangel recompensado de esforços, engenheiro militar com o curso de estado-maior.

Abria-se-lhe carreira de oficial do exercito. Não, estava justamente a fechar-se.

Rangel e uma turma de oficiais, de curso concluido, apresentaram-se ao ministro da Guerra. Recebeu-os este com desabrimiento tal que, ao sair da apresentação, Rangel tomou da pena e pediu demissão do serviço do exercito.

No Pará, em Setembro de 1900, publicou Rangel um opusculo — *Fôra da Fôrma* — explicando seu impeto ao ferver da indignação pelo tratamento insólito a ferir jovens tenentes até com serviços de guerra. *Fôra da Fôrma* foi o adeus de Rangel ao exercito.

Do Pará passou o ex-official á Amazonia onde encontrou outro ex-official, Euclides. Acaunados de novo, nas folgas da vida de engenheiros examinaram ambos a dilucida Amazonia tambem sombrosa. Prepararam-se os dois amigos para mostrar a todo o Brasil uma sua região de grandeza, enlevo e magia.

Euclides e Rangel separariam destinos, o primeiro afinal encontrando a simpatia e a proteção de Rio Branco. Rangel acabaria morando na Europa, com escapulas de saudade ao Rio de Janeiro. Numa daquelas correu

perigo de vida, o que a Guerra Mundial, minando mares, oferecia a corajosos ou forçados viajantes.

Salvo de oceano, Rangel engolfou-se no trabalho, razão de sua vida.

Na Europa, onde havia arquivo, biblioteca, museu, lá estava o estudioso, devoto das casas onde o silencio reina para concentração espiritual.

Não se contentava Rangel com a frequentação de cidades de livros, do manuscritos, de télas. Em Paris outra cidade o atraia, *Bouquerville*.

Assim cognomina o parisiense exposição de volumes de segund. da mão, de estampas, de autografos, em mostra ao ar livre, no parapeito do cais de uma das margens do Sena.

Bouquerville conhece frequentadores assíduos e visitantes de passagem, entre aqueles até pessoas illustres á cata de edições raras, de estampas de mestres. Quanta cousa preciosa tem saído das caixas de *Bouquerville*, caixas que tantas vezes Rangel revolveu nas suas idas a Paris.

Em torno dele ha cidadesinhas de pouca população de costumes provincianos, de viver oposto ao da estuante capital francesa.

Em duas daquelas cidaditas residio Rangel, em busca de retiro de mór auxilio ao trabalho mental. Morou uns tempos em Sceaux, logarejo cheio da memoria de Florian, fabulista menor no genero gloriado por La Fontaine.

De Sceaux transferio-se Rangel para Bourg-La-Reine onde uma estatua lembra Condorcet, aí suicida, quando o jacobinismo na Revolução Francêsa bestialmente declarava que a Republica, na patria da Inteligencia, prescindia de sábios.

Em certo periodo da Guerra Mundial, Rangel refugiou-se num canto perdido do Loiret, em Cuissy. Deste angulo de paz o antigo aluno da Praia Vermelha a observar a luta ha trinta anos qualificada de espantosa na Historia. Hoje... hoje...

Em 1919, assinada a paz de Versalhes, julgou o mundo gozar o que o tratado prometia, sem pensar no subterraneo rearmamento germanico.

Rangel pode retomar habitos de insaciavel curioso de saber, e bom meio de saciar tal curiosidade é dar-se a viagens.

Serviam elas bastante a Rangel, autor de livros de Historia e esses exigem documentação obtida aqui, ali, acolá, com muito ir e vir.

De Historia ou não, os livros de Alberto Rangel formam obra de preço, de estilo inconfundivel. Do seu disse Raul Pompeia — Mão, mas meu.

Rangel escrevia livros pessoais, sem recurso á imitação ou ao espoliar do proximo. Mão talvez para alguns o seu estilo, mas dele com certeza. E justiceiros, ainda os ha neste mundo de Cristo no qual Satanaz tanto interfere.

A originalidade do estilo de Rangel manifestou-se desde o seu primeiro livro, *Inferno Verde*. Logrou o autor dupla felicidade, a do espontaneo favor publico e a de saltar o título da obra para a corrente da linguagem de todos os dias na qual com suma frequencia *Inferno Verde* diz logo Amazonia.

Ao exito do *Inferno Verde*, significativamente prefaciado por Euclides da Cunha, sucedeu o bom acolhimento á trabalhada obra de Rangel, *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*, obra de paciente investigador possuido de seu assunto. Certas paginas do livro induzem a pensar que o autor chegára a vê e ouvir os personagens dos quais se ocupou.

Assim Balzac falava de Eugenia Grandet ou de Rastignac como se tivessem vida real.

De 1908, ano do aparecimento do *Inferno Verde*, até agora, já combalido e nuíto, Rangel descansara de uma obra pensando em outra ou lhe dando começo.

Sobre a mesa de trabalho do escritor acontecia visivelmente provas de um livro e tiras datilografadas de principio a novo livro "no estaleiro", segundo expressão do proprio Rangel.

Só a morte poudo tolher ao escritor o cumprimento pontual da lei do trabalho, ao desaparecer aos seus e a amigos dedicados legando Rangel numeroso espolio de ineditos.

Evitou sempre Rangel pertencer á classe dos derramados ou dos que se dizendo amigos de todos bem sabem que não o são de ninguém.

A quantos o estimavam de verdade, gente sempre pouca, Rangel correspondia á larga no coração.

Notavel foi a fidelidade de Rangel á memoria de Euclides da Cunha. Por "atos de adoração" nunca perdia ensejo de avivar a lembrança do amigo; "por atos de protesto" vingando a morte de quem a buscára em alucinação de revide.

Quando amigos de Euclides se agruparam para consagrar-lhe admiração, no durar do bronze, em sitio carioca, aqueles amigos encontraram em Rangel o mais decidido colaborador. Desde logo indicou ele o ponto mais proprio para a homenagem.

No sentir de Rangel, no desmarcado Rio de Janeiro todo, só havia um logar onde bem devia estar a imagem de Euclides. Era no morro da Babilonia.

Euclides! Só alí! E defendeu Rangel o seu parecer em pagina memoravel ditada palavra por palavra pela saudade.

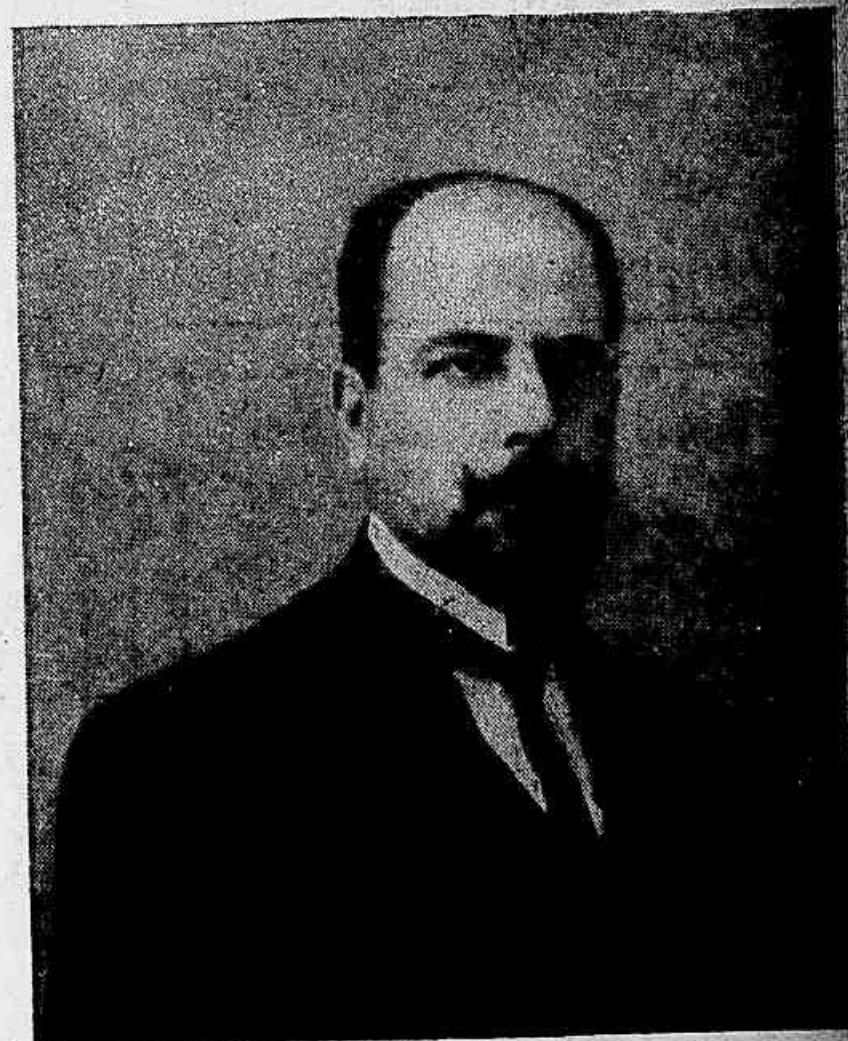
A seus provados amigos costumava Rangel dirigir cartas cintilantes, ora de plenitude afetuosa, ora de participação nas alegrias e nas dôres dos que prezava, ora de apreciação de sucessos ou de personalidades.

Afirmar que nesta ultima especie de missivas só havia mansuetude seria pôr em desacordo o missivista e o escritor que em muitos passos de suas obras julgára acontecimentos e pessoas com coragem e ironia. Rangel não era homem de adiantar-se para recuar, nisto se mostrando bom soldado. E o fôra.

Para usar pois de expressão militar, Rangel teve baixa da vida com uma fé de officio limpa, sem róta de culpa, a de mau emprego de pena.

Jamais manejou-a para turiferar, para caçar sinecuras. Como todo sobranceiro á turba o diziam "exquisito". Conservou-se independente nos dias da vida e no aproximar do seu fim.

A morte de Alberto Rangel, a 14 de Dezembro de 1945, privou o Brasil de Alguem.



ALBERTO RANGEL

NA EPOCA EM QUE ESCREDIA A SUA OBRA CAPITAL,
D. Pedro I e a Marquesa de Santos

Frigia

é simplesmente
notável!



...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta. É um desodorante em forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.
- 3.º — É agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bolsa, pôde ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrado como patente de invenção sob n.º 29.830

A VENDA NAS
BOAS CASAS



Dist.: HERMANNY - C.P. 247 - RIO

Moças e senhoras "chics"



embelto Postal. A' venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Lá Fóra...



- Será que a moeda corrente continuará a ser o franco?



- So'ha um remédio eficaz: tomar carmonativo...



- Dos ossos do ofício somente não se move o peronial?



LISO



COM PONTA



Lincoln



TONIFIQUE SUA CUTIS COM ANTISARDINA No. 1

Rugas precoces são produzidas pela perda de elasticidade da pele enfraquecida.

ANTISARDINA é um tônico vivificador das células da epiderme.

ANTISARDINA não rejuvenesce, prolonga a mocidade da cutis.



Pedidos a

DISTRIBUIDORA ANTISARDINA LTDA.
Cx. Postal, 80 - Curitiba - Paraná

O homem da cabana

(Continuação da pág. 23)

— Miss Brenda! Miss Brenda! Apesar do ruído da trovoadá, eu ouvia perfeitamente a voz do "chauffeur".

— Miss Brenda! O homem conservava a mão sobre minha boca. Era uma mão forte e bem tratada. Limpa. Debatí-me.

— Quietá! Não vou magoá-la! Quis livrar-me, mas ele segurou-me firmemente. O "chauffeur" desistiu, pensando que eu me impacientara e fôra andando pela estacada. Ouvi o carro afastar-se, consertado. E fiquei ali, sozinha com aquele desconhecido.

— Que fez ele depois?
— Falou-me. Não compreendi o que ele queria dizer. Era evidente que ele julgava estar se dirigindo a uma pessoa conhecida. Re-

SOFRE DO FÍGADO? TOME BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

petia que eu não devia fazer aquilo, que era uma indignidade; que ele só me deixaria partir depois de uma e meia da manhã. Por que, não sei.

— E você ficou lá até àquela hora?

— Até mais tarde. A uma e meia precisamente um carro parou à porta da cabana. Cessara a chuva. Uma voz abafada murmurou um nome que eu não entendi. Passos se aproximaram. Era um outro homem que vinha. Parou perto da entrada da cabana. O homem que estava me segurando disse: "Pode voltar. Não está aqui quem você espera. Ela mandou dizer que desistiu daquela loucura". Os passos estacaram subitamente. O outro homem hesitou. Afinal, sem dizer uma palavra, afastou-se. Ouvi o carro arrancar. Foi então que o homem largou-me.

— Ele partiu logo depois?

— Assim que o outro foi se embora ele pareceu mais aliviado. Disse-me, então, que estava tudo terminado e que ele esperava que eu tivesse criado juízo. Eu, naquele momento, já estava era perdendo a razão. Meu coração batia aos saltos.

— E foi então que seu pai chegou?

— Sim.

— Você ouviu a voz dele?

— Sim. Nesse momento o homem perguntou meu nome, como que intrigado. Eu disse. Ele verificou então o seu engano e fugiu, apressadamente. Papai ainda percebeu um vulto que se afastava. Foi só.

— E quando ele perguntou a você quem tinha estado ali...

— Eu pensei logo que ele não acreditaria a verdadeira história de um homem misterioso. Então disse... que, que era... você. Foi o primeiro nome que me passou pela cabeça.

— Obrigado pela lembrança.



Como resolver aquela situação esquerda? Só havia um meio: submeter-se.

— Jack, você precisa encontrar um meio para...

— Escute, por que você está tão ansiosa por descobrir uma saída? Casamo-nos. E, afinal de contas, depois de alguns anos, eu dou-lhe a liberdade. Acabou-se.

— Mas...

— Haverá alguém que...

— Bem...

— Ah, então é essa a verdade! Desagrade-lhe a idéia porque já tem um compromisso e...

— Sim. Eu e John Ames...

— John Ames?

Subitamente a expressão do rosto de Jack mudou. John Ames?

— Não há remédio — disse ele.

Ela ainda tentou protestar.

— Não há remédio. Talvez eu consentisse em fazer um esforço pelo seu bem. Mas agora vejo que pelo seu bem é melhor que você fique presa a mim até passar essa paixão por John Ames...

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça cartões catálogos. Fábrica de Jóias "Asteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

— Não sei por que você não gosta de John.
— Isso é um caso aqui comigo e ele.
— Mas...



O casamento realizou-se. O pai de Brenda, afinal, diante da obediência dos dois, enterneceu-se e, no dia do casamento, resolveu entregar ao noivo uma grande parte de sua fortuna.

— Para o conforto de sua esposa.

Jack sentiu o olhar irônico de Brenda, como que insinuando que aquele presente não fôra espontâneo...

— Entregarei tudo a ela. Ela o administrará.

Mas foi o sogro quem protestou:

— Brenda não sabe tratar de negócios. Você poderá tratar melhor dos interesses dela. Brenda juntou-se ao pai, ainda com o mesmo sorriso irônico:

— Guarde, Jack. Você merece...

Ele zangou-se:

— Não é para mim. Prestarei contas regularmente.

A lua de mel foi um fracasso. Dois seres entediados que todos os dias se encontravam, percorriam conscienciosamente todos os locais pitorescos da cidade e despediam-se à noite com formalidade, caminhando cada um para seu quarto. Nem sombra de cordialidade.

Certo dia ela contou-lhe que recebera uma carta de John.

— Quer ler? — perguntou estendendo a carta.

— Não. Mas tenho uma coisa a dizer-lhe a respeito desse cavalheiro. Não quero que você o veja enquanto for minha esposa.

— Sou realmente sua esposa?

— Posso uma certidão de casamento que prova isso. Não sou eu quem o afirma. Ela deu uma risada sem vontade.

— Curioso casamento.

— Está sendo útil a você. Pelo menos impede que veja aquele homem.

Subitamente curiosa, ela perguntou:

— Mas, afinal de contas, que tem você contra ele?

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

— Nós ainda não chegámos ao ponto das confidências, Brenda. Quando estivermos nos aproximando avisarei.

Irritada, ela levantou-se e saiu. Ele ficou sorrindo...



Foi quando encontrou-se em Londres com John que ela decidiu, quase que por despeito, desobedecer. Marcou um encontro com ele, certa tarde, numa confeitaria. Disse que queria falar-lhe. Mas foi Jack quem ela encontrou, esperando.

— Você!

— Da próxima vez que quiser fazer alguma coisa escondida, tenha o cuidado de ser mais hábil. Seu "amigo" já se retirou. Não foi difícil persuadí-lo que estava enganado.

— Mas isso é inominável! Você dirige a minha vida como se eu fosse uma criança.

— Você é pior, porque sendo interiormente uma criança tem aparência de uma mulher.

— Não me divertem suas piadas.

— Asseguro-lhe que não estava fazendo humorismo.

— Jack, quanto tempo durará isso? — perguntou ela de repente. Por quanto tempo mais andaremos a dizer desaforos um ao outro?

— Asseguraram-me que todos os esposos são assim...

— Jack, por favor, eu estou falando sério.

— Eu também. Entretanto, se você quer saber quando fica livre, eu direi. Assim que se desinteressar daquele homem! Assim que tiver provas disso...

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas, e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



MALTOGENO
"Granado"

Medicação

tônico-nutritiva

útil às MÃES e

AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

— Que tem contra ele, afinal?

— Escute, aquele homem não merece a sua estima. E' um canalha. Não são poucas as histórias que sei sobre ele.

— Uma, por exemplo? — disse ela, impertinente.

— Por exemplo: quando tentou raptar a esposa de Herbert Jeans.

Subitamente ela teve uma idéia.

— Mas... espere! Não foi na noite de 26 de setembro que a esposa de Herbert ficou zangadíssima com você porque você lhe foi pregar moral, durante uma festa?

— Sim.

— E naquela mesma noite... Então é por isso que você não quer que eu veja John! Era ele que estava na cabana, esperando a esposa de Herbert. Foi ele que teve escrúpulos. Foi generoso e não quis deixá-la cometer aquela loucura. Foi ele quem mandou embora o próprio cúmplice, com quem marcara um encontro para auxiliar a sua fuga...

— Com que certeza você afirma tudo isso!

— E não é verdade? Eu bem que pressenti. Naquela noite, quando estive nos braços dele aquelas horas todas, sentindo que ele me segurava a boca, para não deixar-me gritar, de certo modo meu instinto o reconheceu. Foi ele! E é a ele que eu amo.

— Seu instinto anda um pouco descontrolado. A verdade é que... por que ocultá-lo mais? — quem esteve lá fui eu!

— Você?

— Sim, eu que corri à cabana para impedir que ela fugisse com o precioso John. Eu que, confundindo você com ela, segurei-a para que não fôsse com ele. Foi eu quem o mandou embora. Aí tem. E seu instinto anda muito descontrolado, porque na intimidade forçada você descobriu que era o homem que amava quem a segurava; como esse homem era eu e você já deu provas suficientes de que me detesta, eu aconselho-a a confiar menos nas suas intuições no futuro...

— Jack!

Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

O sonho côr de rosa
dos perfumes!

A VENDA
EM TODO O BRASIL

R. Ferraz

PARA AS FERIAS

Escolha, para as suas férias, uma leitura instrutiva porém amena; compre um livro que encerre os mais diversos assuntos e cuja leitura interesse ao senhor, à sua senhora, aos filhos.

Esse livro é o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1946, à venda em toda parte.

Ali estão todos os assuntos para todas as pessoas: o velho, a criança, o homem, a mulher, quer resida na cidade quer no campo.

Informações sobre o ano, calendário, artigos diversos, caricaturas, cinema, artes, ciência, contos e um lindo romance — tudo ilustrado.

Preço Cr\$ 10,00. Pedidos à Cia. Editora Americana. Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

Atende-se pelo serviço de reembolso postal ou mediante vale do Correio.

"ALMANAQUE EU SEI TUDO"



EXAMES DE SANGUE
Laboratório
**Curvello de
Oliveira**
S. José, 85 — S. 405
Telefone 22-2717

O BILHETE

(Continuação da pág. 19)

lhete que fôsse; a sociedade tem suas leis, suas convenções...

Chegando ao ponto desejado, procurou Concórdia sondar mais profundamente o marido:

— Oh! querido; não seja tão extremista! Então enguliria você um bilhete ou uma carta, encontrada em seu bolso, comprometedora de sua fidelidade?

— Claro que sim; a justiça começa de casa. A mim, tenho certeza, isso jamais me acontecerá; você é quem bem conhece minha linha de conduta.

Jerônimo, até o momento calado, alvitrou:

— Se o senhor engulir o bilhete o senhor morre, não é, papai?

— É, meu bem; a tinta é veneno.

Assim ficou encerrado o assunto. Concórdia irradiava felicidade; qualquer coisa lhe dizia que, depois de engulido o bilhete, Neves se reformaria. Nunca se sentira tão feliz. Mulher diferente; mulher conformada; Concórdia — mulher até à alma.

Terminada a refeição, pretextou Neves alguma coisa e foi ao quarto ver a roupa. Remexeu-a de toda forma; inútil: o bilhete estava bem guardado.

Voltou. Conversava procurando desvendar algum mistério; esta tarde não estava tão brejeiro como de costume; tornou-se enigmático. Concórdia compreendia tudo; sua atitude foi a mais discreta possível. Não queria perder a linha; ela, em geral casmurra, esta tarde desdobrou-se em alocuções vibrantes para não molestar o marido; nunca fôra mais bela aos olhos de Neves; e este, à sua vista, jamais fôra tão ingênuo. São os problemas! Os eternos problemas!...

Saiu Neves. Na padaria não pensava em outra coisa. De um momento para outro criou alma nova. Não era possível que, sabedora de seu delito, fôsse Concórdia tão meiga; ou era muita nobreza da parte dela, ou de nada sabia. Sim, isto era o mais certo; ela de nada sabia. "E o bilhete?", pergunta o leitor indiscreto. Certamente ele, muito descuidado que era, o havia perdido.

Esta tarde foi Concórdia p'ra cozinha; preparou o jantar e um remédio para o marido. Tomou do bilhete, pulverizou-o e...

Desperte a Billa 'do seu Fígado'

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bils. Si a billa não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Píluas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de billa e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a billa correr livremente. Peça as Píluas Carters para o Fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Não antecipemos, pálida leitora; não se trata de veneno!

Neves esta noite chegara mais alegre. A idéia de que Concórdia ignorava seus amores tranquilizou-o. Lavou-se, penteou-se o mais que pôde.

— Afonso, chame Jerônimo que a sopa esfria! — alarmou Concórdia.

Antes de sentar-se, Neves sintonizou o rádio mais alto. Queria muita música para comemorar uma vitória interior. Sentou e começou a tomar a sopa. Concórdia olhava-o, fixamente, contando as colheradas. Na quinta disse:

— Não tome mais esta sopa, Afonso.

— Que há, querida? A sopa está tão boa! — protesta Neves.

— Não é necessário que você engula todo o bilhete. Sua sopa foi temperada com seus amores ilícitos — arremata a esposa.

— Hein?! Que história de engulir bilhete é esta? hein? como é?

— Oh! papai vai morrer! — choramingou Jerônimo.

— O bilhete de uma tal Odetta, encontrado em seu bolso; não é necessário engulí-lo todo. Quer mais pormenores?

Não sabia o que dizer; gaguejava monossílabos ôcos. Não lhe vinha à mente nem uma daquelas frases diplomáticas; a eloquência fugira; a voz tremia. E com Jerônimo a pedir-lhe que não morresse; que situação!...

Vendo a transfiguração que se operava em Neves, Concórdia chorou comovida. Não prolongou a situação desesperadora:

— Oh! meu querido, não é hoje 1.º de abril? Que mal havia que lhe pregasse esta peça? Nada encontrei em seu bolso e, tenho certeza, não encontrarei jamais. Você foi, e sempre será, o mais fil dos maridos.

— Papai não vai morrer, mamãe? — interroga Jerônimo.

— Por certo que não. Jantemos satisfeitos.

— Ah!... — suspirou Neves. E nunca mais "serões".

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

CRISTÓFOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traícoiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda.-C.P. 1379-S. Paulo



Concerto de Natal

(Continuação da pág. 36)

de Guillemant, "Coral — Chega agora o Salvador dos gentios", de Bach; "Pastorale", de C. Franck, foram as peças apresentadas. Como penúltimo número, tivemos do executante "Cantilena de Natal". E D. Plácido continua a buscar, na quietude profunda da mosteiro, inspirações para suas obras. O silêncio induz à oração, e nada alivia tanto a alma atribulada como alguns

instantes de conversa com a Divindade. Foi assim que a alma mística de Liszt, nos últimos anos de sua vida, compôs tantas obras sacras, libertas dos sentimentos mundanos mas cheias de amor espiritual que alimentava com meditação.

Maria da Gloria

Sempre existiu a "folk..."

(Continuação da pág. 17)

Podemos afirmar, sem receio de contestação, que em variedade de passos, excentricidade de gestos e projeção de sentimentalismo a dança brasileira é um tesouro que deslumbrará os olhos do mundo quando transpuser fronteiras.

Sendo eu a primeira bailarina que se interessou por criar o bailado nacional, tinha de começar pelo princípio: reproduzindo, apurando, estilizando, criando. O que realizei, porém, nada representa diante do que é possível realizar, do que poderia já ter realizado, se para tanto não

me faltassem em absoluto recursos materiais.

Mas o movimento de extraordinário interesse que já se propagou a todo o País (nos Estados os professores de educação física e de dança incluem em seus programas escolares bailados brasileiros) é a vitória do meu trabalho, embora torçam o nariz aos meus requebros e sapateados os imitadores e os que desejariam poder imitar-me.

Não foi para mim, mas por mim, pelo meu êxito que nossos grandes maestros começaram a compor músicas especialmente destinadas a interpretações coreográfico-brasileiras. Bailava-se já bastante aqui no Rio, com música de autores nos-

sos, algumas vezes; esses bailados, porém, eram todos compostos de passos clássicos, sem a menor preocupação nacionalista, como se não possuíssemos características coreográficas.

A falta de música trabalhada no gênero nacional tem sido para mim o maior dos embaraços. Estava tudo por fazer; no meu caso a intérprete precedera o bailado. Como trazer para um grande público, para uma platéia civilizada os cantos bárbaros do nosso "folk-lore" afro-ameríndio? Música só me era dado apresentar a autêntica, a que pudera colher com meu esforço individual, vencendo bravamente dificuldades financeiras.

(Continua no próximo número)

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS



LIC. 3.518
14-8-925-D.N.S.R.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use **AURIS-SEDINA**



Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

RF

PARA DEFENDER
SUA SAÚDE
exija um
refrigerador.



NEVE

QUE PROPORCIONA:
FRIO CONSTANTE
GÊLO PURO
HUMIDADE DO AR
E... É ECONÔMICO



Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.

Rua Rosa e Silva, 74
(esq. Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322



PARA MOCINHAS

Para mocinhas, Shirley Temple sugere este modelinho de duas peças em "shantung" verde pistache, casaquinho justo, fechado na frente com botões em tom escuro. Os ombros são formados por uma pequena pala. Na manga direita, um bordado em côres sôbre motivos militares. Saia em forma.

(Foto Columbia)

A SUA LINGERIE



- 1 — Camisola em crepe rosa com aplicações de cetim formando flôres. Fita de cetim rosa enfiada sob o busto e nos quadris. 2 — "Déshabillé" em cetim branco com mangas e frente de renda. 3 — Combinação de crepe amarelo, com a parte superior em renda e tiras amarelas com nervuras transpassadas. 4 — Combinação de cetim "lingerie" azul com incrustações de renda. 5 — Camisola de cambraia branca com aplicações de cambraia rosa e "pois" bordados também em rosa. 6 — Conjunto em cetim rosa e renda em côr natural. 7 — Combinação em seda branca com incrustações de renda.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:

"Considero ARRID o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO

Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desleigantes, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use ARRID com regularidade.

Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

MODAS

Para as tardes quentes do Rio, nada mais adequado que este vestido de seda negra, estampado com motivos florais em cores claras. O chapéu claro e a bolsa e sapatos pretos, num contraste admirável e elegante, completam esta magnífica "toilette" que nos é apresentada por Angela Greene, da constelação da Warner Bros.



O PINCE-NEZ

DE OURO

ORIGINA DE 1.º ORDEM
AVIAMENTO RECENTAS MÓ-
DAS COM EXATIDÃO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LÓCATIONS

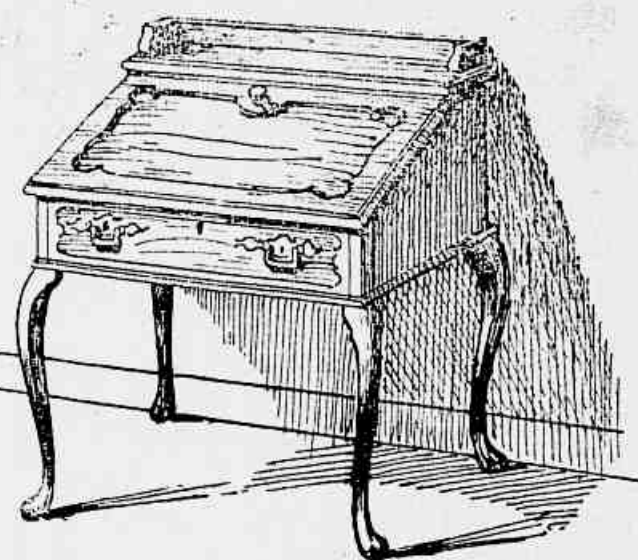
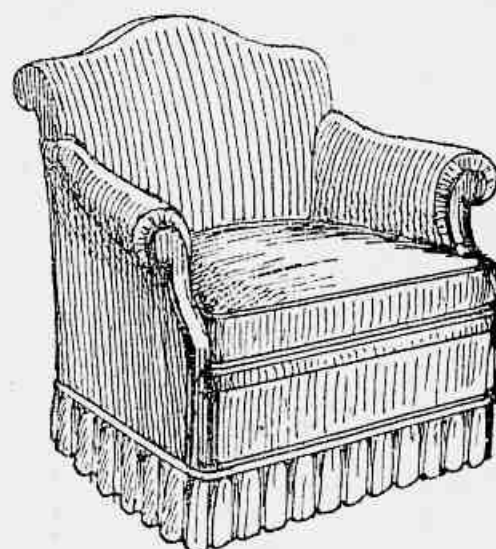
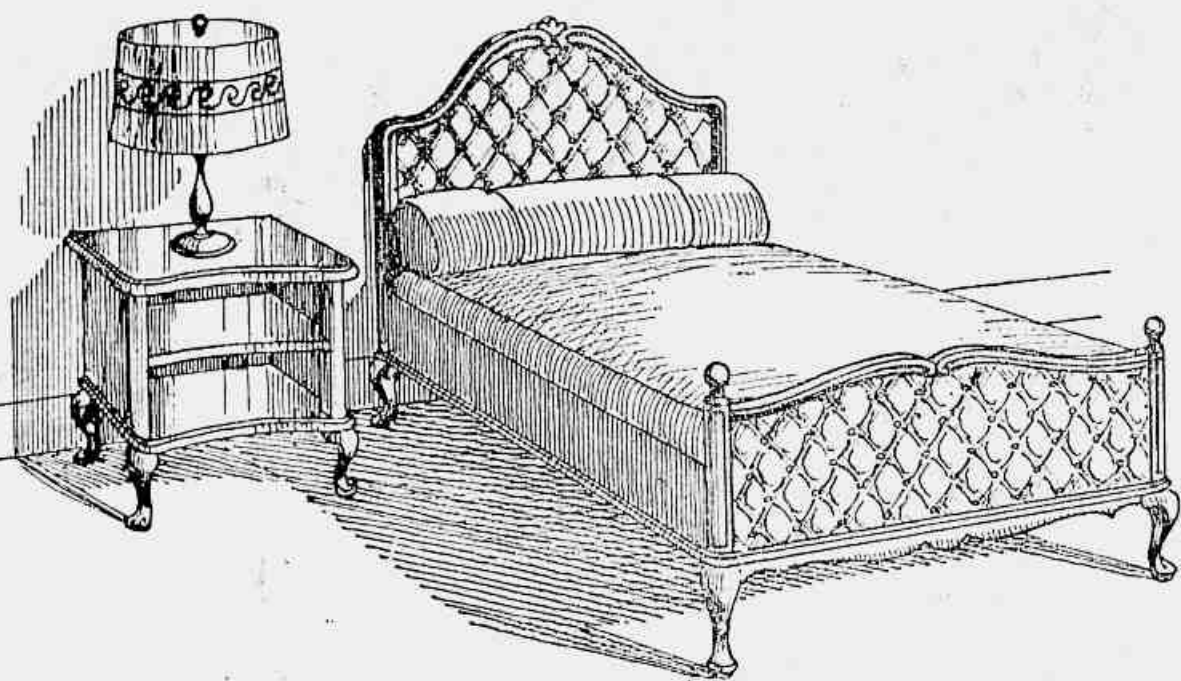
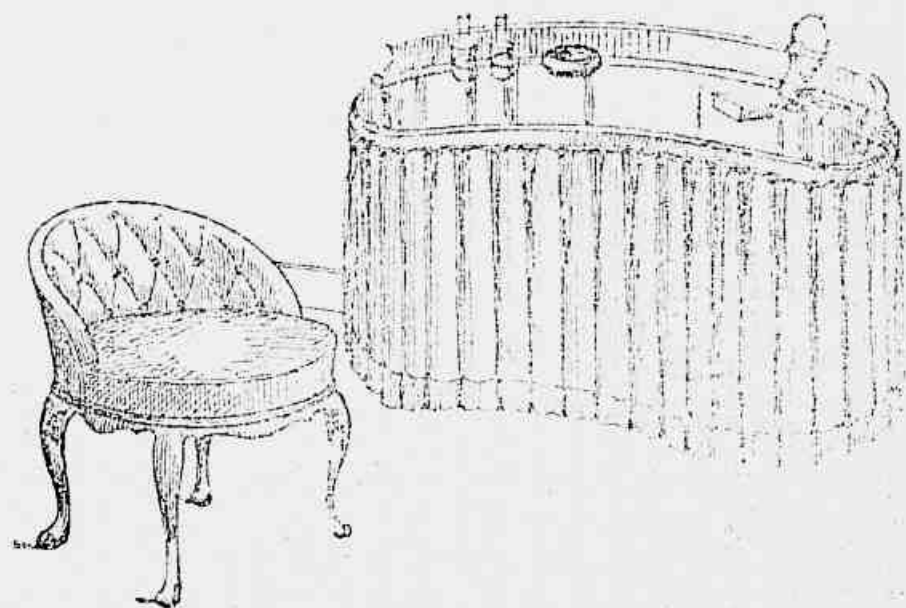
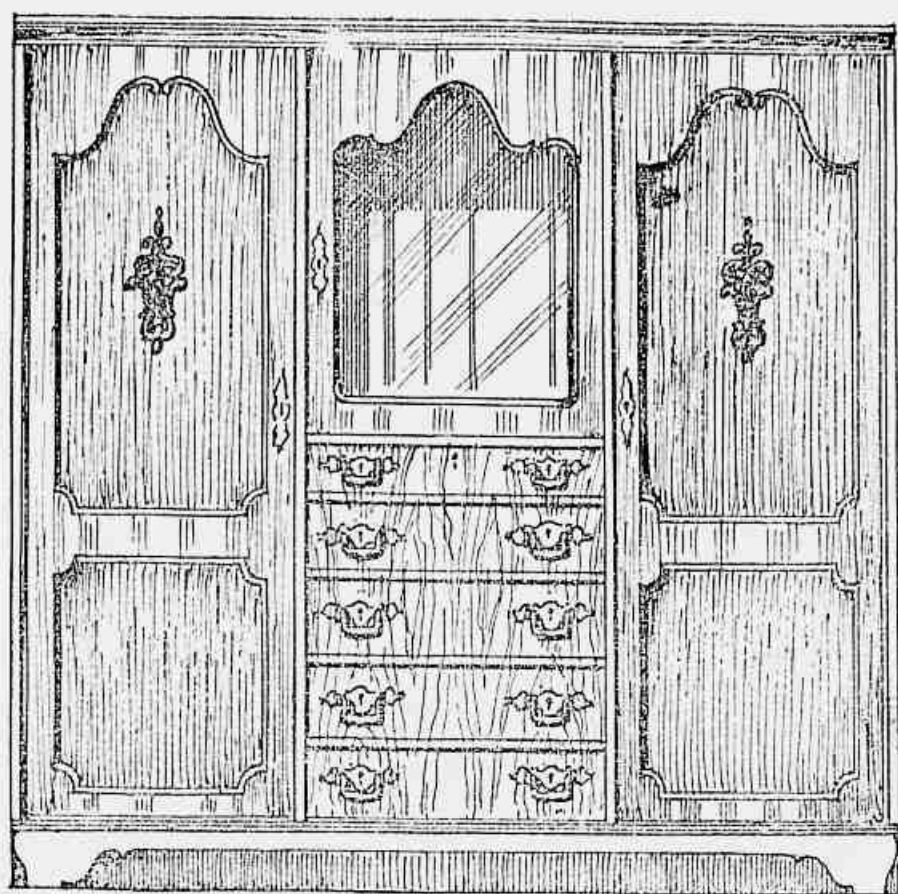
R. CARIOCA N.º 28

Joaalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



DORMITORIO PARA MOÇAS

Aqui está um modelo para quarto de dormir, apropriado para môça, todo trabalhado em madeira fôscas, com guarnições em cetim côr de rosa. Nos pés e na cabeceira da cama as almofadas são acolchoadas em cetim dessa côr, justamente igual ao que cobre a larga poltrona. O criado-mudo é baixo e completamente aberto. Sôbre êle deve ser colocado um grande "abat-jour" forrado de seda rosa. O môcho baixo e a penteadeira são também enfeitados com cetim. A um canto, um "bureau" de tampa inclinada completa o mobiliário dêste lindo dormitório, do qual ainda faz parte um guarda-vestido largo, com cinco gavetas colocadas no centro.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CARLITO JÁ VOLTOU À ESCOLA



**Graças aos
Remédios**

Milagrosos trazidos por  **CLIPPER!**

HÁ apenas alguns anos, só os centros médicos mais importantes e as universidades possuíam certas drogas e soros raros, que salvam vidas — mas hoje, graças ao transporte aéreo global, remédios milagrosos tais como penicilina, sulfamidas, plasma sanguíneo e soros especiais estão ao seu alcance e de sua família, por mais longe que residam.

A Pan American World Airways foi a primeira a abrir as rotas internacionais e a aperfeiçoar muitas das técnicas de voo e o equipamento que fazem com

que hoje seja realidade o transporte aéreo global... permitindo ao seu médico dispor dos vastos recursos dos mais desenvolvidos centros científicos, caso os pacientes deles necessitem.

Como sempre, a Pan American continua de olhos fitos no futuro — projetando e experimentando nova aparelhagem, novas rotas e novas técnicas aeronáuticas, de modo a lhe poder proporcionar um serviço global ainda mais amplo, rápido e econômico nesta nova era de paz. E então, na verdade, "o mundo inteiro será seu vizinho".

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers